



INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

Violência Policial, Memória e Tecnopolítica Racializada: Análise das Narrativas em Torno do Caso Odair Moniz na Plataforma X (antigo Twitter)

Ana Filipa Marques

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora:  
Professora Catarina Lopes Oliveira Fróis,  
Professora Associada com Agregação,  
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2025



## Departamento de Sociologia

Violência Policial, Memória e Tecnopolítica Racializada: Análise das Narrativas em Torno do Caso Odair Moniz na Plataforma X (antigo Twitter)

Ana Filipa Marques

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora:

Professora Catarina Lopes Oliveira Fróis,  
Professora Associada com Agregação,  
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2025



## Agradecimentos

Este trabalho representa o culminar de um percurso de investigação e reflexão pessoal que me permitiu aprofundar conhecimentos e desenvolver competências académicas e críticas.

Agradeço à minha família e amigos pelo apoio, paciência e incentivo ao longo deste percurso exigente, e por estarem sempre presentes nos momentos de maior desafio.

Expresso o meu profundo reconhecimento à Professora Doutora Catarina Frois, pela orientação generosa, pela confiança e pela disponibilidade constantes, bem como pelas valiosas contribuições que enriqueceram este processo.

Manifesto igualmente a minha gratidão à comunidade académica do ISCTE, pelo ambiente de aprendizagem e pelo estímulo intelectual que tornaram possível a realização desta dissertação.

A todos os que, de forma direta ou indireta, contribuíram para esta etapa, deixo o meu sincero agradecimento.



## Resumo

Esta dissertação analisa as narrativas produzidas na plataforma X (antigo Twitter) em torno da morte de Odair Moniz, ocorrida durante uma intervenção policial na Cova da Moura, a 21 de outubro de 2024. O estudo articula dimensões discursivas, estruturais e temporais do debate digital, examinando os principais eixos retóricos, os padrões de circulação e os ciclos de atenção pública. Com base num corpus de 11 906 publicações, recolhidas entre 21 de outubro e 3 de novembro de 2024, a investigação combina análise retórica, afetiva e topológica. Os resultados revelam uma esfera digital polarizada, emocionalmente reativa e concentrada em minorias hiperativas e nos media, onde a recirculação prevalece sobre a autoria. Conclui-se que a comunicação em rede amplia a expressão, mas reproduz desigualdades de voz e visibilidade, transformando a atenção pública num regime tecnopolítico marcado por volatilidade e fragilidade da memória coletiva.

**Palavras-chave:** Comunicação em rede; Tecnopolítica da atenção; Racismo estrutural; Caso Odair Moniz; Plataforma X (antigo Twitter); Esfera pública digital.



## Abstract

This dissertation analyzes the digital narratives produced on platform X (formerly Twitter) regarding the death of Odair Moniz, which occurred during a police intervention in Cova da Moura on October 21, 2024. The study articulates discursive, structural, and temporal dimensions of the online debate, examining the main rhetorical axes, circulation patterns, and cycles of public attention. Based on a corpus of 11,906 posts collected between October 21 and November 3, 2024, the research combines rhetorical, affective, and topological analysis. The results reveal a polarized and emotionally reactive digital sphere, concentrated in hyperactive minorities and media actors, where recirculation prevails over authorship. It concludes that networked communication amplifies expression but reproduces inequalities of voice and visibility, transforming public attention into a technopolitical regime marked by volatility and the fragility of collective memory.

**Keywords:** Networked communication; Technopolitics of attention; Structural racism; Odair Moniz case; Platform X (formerly Twitter); Digital public sphere.



# Índice

|      |  |    |
|------|--|----|
| 1    | Introdução.....  | 1  |
| 2    | Revisão de Literatura.....   | 3  |
| 2.1  | Comunicação .....  | 3  |
| 2.2  | Comunicação em rede.....   | 4  |
| 2.3  | Comunicação em rede e reconfiguração da esfera pública digital.....          | 5  |
| 2.4  | Afetos e comunidades de sentido.....   | 7  |
| 2.5  | Ciclos de atenção digital.....   | 9  |
| 2.6  | Desigualdade no digital.....   | 10 |
| 2.7  | Participação cívica digital.....   | 11 |
| 2.8  | Especificidades do Twitter.....  | 13 |
| 2.9  | Do Twitter ao X: transformações mediológicas e mutações discursivas .....    | 14 |
| 3    | Metodologia .....  | 17 |
| 3.1  | Dados, corpus e procedimentos .....  | 17 |
| 3.2  | Estratégia analítica .....   | 18 |
| 3.3  | Validade, limitações e ética.....  | 19 |
| 4    | Análise .....  | 21 |
| 4.1  | Contextualização.....  | 21 |
| 4.2  | Enquadramento estrutural e histórico .....                                   | 22 |
| 4.3  | Cronologia dos acontecimentos no período analisado (21/10 a 03/11/2024)..... | 23 |
| 4.4  | Desdobramentos posteriores .....   | 23 |
| 4.5  | Minidicionário operativo .....   | 24 |
| 4.6  | Evolução cronológica da atenção.....   | 24 |
| 4.7  | Eixos Discursivos Dominantes.....  | 25 |
| I.   | Notícias.....  | 25 |
| II.  | Discurso securitário — normalização da letalidade estatal .....              | 26 |
| III. | Antirracismo — estruturação sistémica da violência .....                     | 27 |

|     |   |    |
|-----|---|----|
| IV. | Contra-narrativas informativas — colapso da autoridade oficial .....  | 27 |
| V.  | Luto como infraestrutura emocional — humanização e solidariedade..... | 28 |
| VI. | Indefinidos .....   | 29 |
| 4.8 | Correlação entre eventos offline e picos de atividade digital .....   | 29 |
| A.  | Arranque de baixa intensidade — 21 de outubro .....                   | 30 |
| B.  | Aceleração inicial — 22 de outubro .....                              | 31 |
| C.  | Pico absoluto de atenção — 23 de outubro.....                         | 31 |
| D.  | Sustentação elevada com clivagem moral — 24 de outubro .....          | 32 |
| E.  | Manutenção em declínio gradual — 25–26 de outubro.....                | 33 |
| F.  | Ressurgimento pontual — 27 de outubro .....                           | 35 |
| G.  | Declínio acelerado — 28–31 de outubro.....                            | 36 |
| H.  | Exaustão discursiva — 1–3 de novembro .....                           | 37 |
| 4.9 | Padrões verificados da estrutura da participação discursiva.....      | 38 |
| 5   | Conclusão .....   | 39 |
|     | Bibliografia .....  | 41 |
|     | Anexos .....  | 49 |
|     | Cronologia dos Incidentes e Desdobramentos (Caso Odair Moniz) .....   | 49 |
|     | Tabelas de Métricas .....   | 51 |
|     | Publicações .....   | 58 |

# 1 Introdução

A morte de Odair Moniz, cidadão cabo-verdiano de 43 anos, durante uma intervenção policial na Cova da Moura, a 21 de outubro de 2024, gerou ampla atenção pública e mediática. A divulgação do incidente e os desdobramentos subsequentes desencadearam uma onda de contestação coletiva, com protestos em diversos bairros da Área Metropolitana de Lisboa e repercussão nacional. O episódio ultrapassou rapidamente a escala local, reabrindo o debate público sobre a violência policial enquanto expressão de racismo estrutural (Mbembe, 2019; Vala, 2020) e sobre as formas contemporâneas de desigualdade e exclusão.

Nas horas e dias subsequentes, as plataformas digitais — em especial a rede social X, cuja arquitetura privilegia o texto breve e a interação pública — tornaram-se o principal espaço de circulação de informação, indignação e solidariedade públicas. Rapidamente surgiram *hashtags* como #JustiçaParaOdairMoniz; contudo, o debate não se limitou a mensagens padronizadas. Utilizadores de diferentes perfis — jornalistas, ativistas e cidadãos comuns — expressaram interpretações, factos e emoções em múltiplos registos, frequentemente fora da lógica agregadora das etiquetas. A dinâmica comunicacional observada corresponde à lógica dos “públicos em rede” (boyd, 2010) e à “comunicação em rede” descrita por Castells (2015), caracterizada pela interatividade, descentralização e velocidade da circulação simbólica.

A visibilidade digital do caso revelou, simultaneamente, o potencial das redes para amplificar acontecimentos e os seus limites estruturais: a volatilidade da atenção, a polarização afetiva e a vulnerabilidade à desinformação. Como sublinham Papacharissi (2015) e Fuchs (2021), a esfera pública digital é moldada por arquiteturas tecnológicas que combinam interatividade e desigualdade, configurando uma “tecnopolítica da atenção” em que a visibilidade é disputada e emocionalmente mediada.

Evidenciou-se, assim, a complexa intersecção entre infraestruturas técnicas, afetos coletivos e regimes de visibilidade que definem a esfera pública contemporânea. A dimensão afetiva da comunicação — tal como analisada por Ahmed (2014) e Butler (2004) — mostra que as emoções não são apenas reações individuais, mas forças sociais que estruturam pertenças, exclusões e modos de reconhecimento.

Neste enquadramento, a presente investigação tem como objetivo central analisar de que modo as disputas discursivas e emocionais em torno da morte de Odair Moniz se desenvolveram na plataforma X, evidenciando como esta arena comunicacional e tecnopolítica, atravessada por afetos, estrutura dinâmicas de visibilidade, circulação e emoção que moldam a legitimidade, o reconhecimento e o poder discursivo no contexto contemporâneo.

As questões de investigação que orientam o presente estudo são três, formuladas de modo a articular dimensões discursivas, estruturais e temporais do fenómeno analisado. A primeira procura identificar que enquadramentos discursivos emergem na plataforma X, em torno da morte de Odair Moniz e como configuram disputas sobre legitimidade policial e representação pública da vítima, permitindo compreender o conflito interpretativo central do caso. A segunda investiga de que modo a rede de *retweets* revela assimetrias de participação e o papel central dos media e de atores institucionais na definição da visibilidade digital, evidenciando as hierarquias comunicativas que estruturam a esfera pública em rede. Por fim, a terceira examina a relação entre acontecimentos offline — como a divulgação das imagens e a marcha “Justiça para Odair” — e os picos de atenção digital identificados na série temporal, clarificando a correspondência entre dinâmicas mediáticas e mobilização social.

Esta dissertação organiza-se em cinco capítulos articulados de forma progressiva. O Capítulo 2 desenvolve a revisão de literatura, integrando contributos teóricos sobre comunicação, tecnopolítica, afetos e redes digitais, com especial enfoque no papel da plataforma X enquanto espaço de visibilidade pública, circulação simbólica e disputa discursiva. O Capítulo 3 apresenta o enquadramento metodológico, detalhando os procedimentos de recolha e tratamento do corpus, as estratégias analíticas adotadas e as considerações éticas que sustentam a investigação. O Capítulo 4 realiza a análise empírica, contextualizando o caso Odair Moniz, descrevendo a cronologia dos acontecimentos e examinando as dinâmicas discursivas, afetivas e estruturais observadas na plataforma X. Por fim, a secção de conclusões sintetiza os principais resultados, articulando-os com o enquadramento teórico e metodológico, discutindo as implicações do estudo e apontando perspetivas para futuras investigações sobre comunicação em rede e tecnopolítica da visibilidade.

## 2 Revisão de Literatura

### 2.1 Comunicação

A comunicação constitui, enquanto prática social e simbólica, um processo que organiza a vida coletiva através da produção partilhada de sentido. Neste enquadramento, a racionalidade comunicativa habermasiana entende a ação orientada ao entendimento como um processo em que os intervenientes procuram coordenar condutas mediante acordos linguisticamente mediados, sustentando a vida social nas pretensões de verdade, correção e sinceridade (Habermas, 1987). Esta conceção é, contudo, atravessada por tensões interpretativas, uma vez que não existe correspondência necessária entre codificação e leitura, sendo o sentido sempre objeto de negociação (Hall, 1980, pp. 128–129). Face a essa tensão entre o ideal normativo e o processo hermenêutico, a comunicação pode ser entendida como espaço simbólico em que a realidade se produz e transforma continuamente (Carey, 1989), configurando-se como prática de significação social simultaneamente normativa, conflituante e cultural — mais do que mera transmissão de informação.

O papel da comunicação, enquanto força organizadora da vida social, estende-se à criação de vínculos entre indivíduos e coletividades, assegurando a coesão social e a continuidade das práticas partilhadas. Ao difundir informação, conservar memória e produzir identificação simbólica, reforça a integração e a partilha de significados comuns (Dewey, 1954). Esta dimensão relacional assenta em princípios éticos e dialógicos: comunicar implica o encontro entre sujeitos que partilham e interpretam o mundo num processo simultaneamente libertador e educativo, que rejeita qualquer forma de manipulação (Freire, 1971). Assim, a comunicação assume um caráter essencialmente relacional e participativo, fundando-se no reconhecimento mútuo como condição da convivência e da construção coletiva de sentido.

Compreender a comunicação implica reconhecê-la como prática simultaneamente simbólica e socialmente situada, que estrutura a produção de sentido e possibilita a vida coletiva. Enquanto tal, articula dimensões normativas (pretensões de validade), hermenêuticas (negociação de sentidos) e éticas (encontro e reconhecimento), que se

entre cruzam no processo de construção intersubjetiva do significado. Retomando a perspetiva freireana, a comunicação dialógica, libertadora e educativa constitui o fundamento ético de qualquer processo social orientado para a cooperação e o reconhecimento (Freire, 1971).

A partir deste enquadramento, emergem três implicações epistemológicas centrais. Em primeiro lugar, a produção de sentido deve ser analisada como prática social situada, sujeita a contextos culturais e relações de poder (Hall, 1980). Em segundo lugar, os processos comunicacionais requerem atenção às condições concretas da interação, onde se manifestam assimetrias de poder simbólico (Bourdieu, 1998). Por fim, a esfera pública deve ser compreendida como efeito institucional e prático das relações discursivas, nas quais se definem posições, legitimidades e vozes audíveis, instituindo regimes de visibilidade e reconhecimento (Habermas, 1987; Couldry, 2012). Estas três implicações estruturam o campo comunicacional: a normatividade comunicativa, que avalia a validade dos discursos (Habermas, 1987); a crítica semiótica, que evidencia conflitos de leitura e interpretação (Hall, 1980); e a hermenêutica social, que mostra como as práticas de significação configuram o campo simbólico (Bourdieu, 1998). Em conjunto, estas perspetivas evidenciam que comunicar é um processo intersubjetivo e simbólico através do qual se produzem códigos, sentidos e relações que sustentam a inteligibilidade e a continuidade da vida coletiva.

## 2.2 Comunicação em rede

O poder transformador dos meios de comunicação assenta, sobretudo, no modo como operam enquanto estruturas técnicas que moldam a percepção e a organização social, e não no conteúdo das mensagens que veiculam (McLuhan, 1964, p. 8). Sob esta perspetiva, os meios funcionam como “extensões de alguma faculdade humana — psíquica ou física” (McLuhan, 1964, p. 26), ampliando as capacidades sensoriais e cognitivas e reconfigurando os modos coletivos de percepção, emoção e ação. Neste enquadramento, a comunicação em rede constitui um novo paradigma estrutural da vida social, sustentado por fluxos informacionais descentralizados e interativos que alteram a lógica de circulação do discurso e a própria estrutura da experiência pública.

A “sociedade em rede” designa uma configuração social ancorada em tecnologias digitais de informação e comunicação, cuja base microeletrônica possibilita a circulação global e interconectada da informação (Castells, 2015, p. 20). A reorganização do espaço comunicacional transfere o poder “das instituições para as redes” (Castells, 2015, p. 4), instaurando formas horizontais de interação e reconfigurando o tecido social. No mesmo movimento, a tecnologia altera a estrutura da ação coletiva ao viabilizar comunicação instantânea e coordenação descentralizada (Carty, 2015, p. 2). A infraestrutura digital, ao dissolver hierarquias mediáticas, amplia o acesso à produção e circulação de discursos, reforçando a lógica distribuída que caracteriza a sociabilidade em rede.

Neste novo ecossistema comunicacional, o poder simbólico é redistribuído, redefinindo as relações entre sujeitos, media e esfera pública. Esta transformação manifesta-se na emergência de novos públicos e arquiteturas de visibilidade. Os “públicos em rede” são “pessoas unidas através de tecnologias mediadas em rede” (boyd, 2010, p. 39) e organizam-se em torno de quatro *affordances* fundamentais — visibilidade, persistência, replicabilidade e escalabilidade (boyd, 2010, p. 41). Estas propriedades “redefinem as práticas de comunicação e sociabilidade” (boyd, 2010, p. 43), uma vez que o desenho técnico das plataformas condiciona a forma como o discurso é produzido e percebido.

A infraestrutura comunicacional resultante conjuga conectividade técnica e interatividade social, tornando-se um espaço de produção simbólica em tempo real, onde a ação comunicativa se expande, fragmenta e reconfigura continuamente. O meio, transformado em rede relacional, deixa de apenas transmitir mensagens e passa a modelar os modos de presença, reconhecimento e participação pública.

## 2.3 Comunicação em rede e reconfiguração da esfera pública digital

A expansão das Tecnologias de Informação e Comunicação transformou estruturalmente a participação cívica, reconfigurando a esfera pública e os modos de intervenção social. Este cenário define um ecossistema híbrido, resultante do entrelaçamento entre lógicas mediáticas “antigas” e “novas”, no qual as práticas políticas

se distribuem num contínuo entre formatos tradicionais e digitais (Chadwick, 2013, p. 9). A crescente porosidade entre as esferas pública e privada permite que experiências antes confinadas a espaços marginais se projetem no debate coletivo — fenómeno particularmente relevante para grupos historicamente excluídos.

A comunicação digital aprofunda este processo ao atuar como meio de expansão da literacia cívica e das possibilidades de deliberação pública, demonstrando que as affordances das plataformas configuram a gramática da cidadania em rede (Rheingold, 2002). Estudos recentes indicam que essas affordances determinam as formas de visibilidade social, influenciando como as pessoas são percebidas, escutadas e recordadas nos espaços digitais (Zulli & Zulli, 2022, p. 1883). Tal dinâmica confirma que o espaço comunicacional contemporâneo se consolidou como novo espaço público, evidenciando a relação intrínseca entre infraestruturas técnicas e hierarquias simbólicas de visibilidade (Castells, 2015, p. 9). A conectividade digital, ao favorecer a criação de contextos conversacionais em que os indivíduos participam ativamente na construção do debate coletivo, redefine as formas de pertença e de participação na esfera pública (Papacharissi, 2015, p. 22). De modo convergente, estas perspetivas mostram que a atenção e a influência emergem tanto das práticas comunicativas como das condições estruturais de visibilidade inscritas nas plataformas digitais.

Neste contexto de reconfiguração da visibilidade e da deliberação, as hashtags emergem como principal dispositivo de mediação simbólica e coordenação discursiva. Funcionam como marcadores sociotécnicos que agregam conversas dispersas, permitindo a formação de públicos temporários organizados em torno de causas, eventos ou temas comuns. Estas infraestruturas discursivas favorecem a descoberta e a filtragem de informação em tempo real, transformando a indexação em prática social de interação (Bruns & Burgess, 2011). A conectividade das redes digitais permite que as pessoas se agreguem em torno de narrativas partilhadas sem exigir homogeneidade ideológica, revelando o caráter agregador e plural desses espaços (Papacharissi, 2015). O chamado *hashtag activism* traduz-se, assim, numa forma de agência narrativa por meio da qual histórias coletivas produzem comunidades interpretativas e reforçam a coesão simbólica dos grupos (Yang, 2016, p. 13). Enquanto uma abordagem concebe as hashtags como infraestruturas de coordenação, outra enfatiza a sua dimensão semântica, entendendo-as como instrumentos de construção de sentido e pertença.

A articulação entre infraestrutura técnica e produção de significado confirma que a comunicação em rede possui natureza simultaneamente material e simbólica. O poder circula através das redes, convertendo-as em veículos de aprendizagem e exercício da cidadania (Castells, 2015, p. 4; Rheingold, 2002, p. 12). A conectividade digital não elimina o político, mas redefine as suas modalidades de expressão e participação (Papacharissi, 2015, p. 25). A esfera pública digital emerge, assim, como campo dinâmico em que mediação técnica e produção simbólica se coproduzem, redesenhando os limites do político e do comum.

## 2.4 Afetos e comunidades de sentido

A centralidade das emoções no pensamento social e comunicacional anuncia um novo regime de sensibilidade coletiva. O conceito de *structures of feeling* define o afeto como “a experiência vivida de significados e valores ainda não completamente articulados”, exprimindo modos de perceber e de estar no mundo antes de se fixarem em ideologia ou instituição (Williams, 1977, p. 132). Essa intuição antecipou a viragem afetiva que transformou a teoria da comunicação. As emoções “não residem nos sujeitos ou nos objetos; circulam e moldam a superfície dos corpos” (Ahmed, 2014, p. 8). O sentimento é, assim, movimento: um processo de adesão e diferenciação que cria vínculos e fronteiras sociais. Os media funcionam como “rituais comunicativos” (Couldry, 2012, p. 37), formas pelas quais as sociedades reconhecem o seu centro simbólico. O afeto, longe de ruído da razão, é condição de socialidade e meio pelo qual a comunicação adquire espessura moral e relacional.

Na comunicação mediada por redes digitais, essa lógica intensifica-se. Os “públicos afetivos” formam-se “através da partilha de emoções e das narrativas que as acompanham” (Papacharissi, 2015, p. 125). Neles, “a emoção funciona como tecido conetivo que liga os indivíduos a ideias e uns aos outros” (Papacharissi, 2015, p. 116). A circulação emocional gera comunidades efêmeras de pertença em torno de causas, hashtags ou eventos, e a visibilidade torna-se função da intensidade afetiva: aquilo que mobiliza empatia ou indignação propaga-se mais rapidamente. Essa sincronização emocional é central para a ação coletiva (Tufekci, 2017, p. 14). A emoção não se opõe à racionalidade — é um mecanismo de coordenação comunicativa. Os media “ligam-nos

precisamente porque tornam visível a experiência partilhada” (Couldry, 2012, p. 40); é nesse reconhecimento mútuo que se forma o sentido comum dos públicos digitais.

A leitura pós-colonial e feminista do afeto acrescenta uma dimensão política e encarnada às emoções. Estas “delineiam as fronteiras entre quem é reconhecido como dentro ou fora da comunidade” (Ahmed, 2014, p. 12): o ódio cola, o medo separa e naturaliza distâncias (Ahmed, 2014, p. 64). O luto público torna-se ato político que distingue vidas pranteáveis de vidas descartáveis (Butler, 2004, p. 30). “Olhar é um ato político” e “reivindicar o olhar é afirmar a resistência” (hooks, 1992, p. 115); a experiência e o sentimento são também “fontes válidas de conhecimento” (Collins, 1990, p. 221). Sentir é, portanto, reconhecer e resistir. No espaço digital, essas emoções críticas reinscrevem dignidade em sujeitos historicamente desumanizados, convertendo expressividade em reivindicação de existência.

A performatividade emocional reforça essa dimensão política. Os atos de sentir produzem aquilo que nomeiam (Butler, 1993, p. 2). No digital, as *affective narratives* são “performances de sentimento que constituem públicos” (Papacharissi, 2015, p. 128). Cada like, retweet ou hashtag de solidariedade atua como gesto performativo que reitera pertença. Essas repetições funcionam como rituais comunicativos que “mantêm viva a sensação de comunidade” (Couldry, 2012, p. 41). A afetividade digital opera, assim, como gramática da visibilidade: um modo de estar-com os outros através de gestos mínimos que acumulam valor simbólico. O amor e a raiva, quando politizados, podem “transformar a consciência e criar solidariedade” (hooks, 1992, p. 146). A emoção, performada e partilhada, torna-se ato comunicativo e ritual de pertença.

Os afetos digitais revelam-se forças estruturantes da esfera pública contemporânea. O poder “comunica-se através das redes” (Castells, 2015, p. 10), animado por “conectividade afetiva” que gera e partilha emoções sustentando a atenção coletiva (Papacharissi, 2015, p. 119). Esses circuitos emocionais funcionam como rituais de legitimação: gestos repetidos que confirmam a pertença a um mundo comum (Couldry, 2012, p. 45). A emoção é “a forma como o coletivo se cola” (Ahmed, 2014, p. 10). Comunicar é, assim, afetar e ser afetado — participar num fluxo de significados corporizados que molda a experiência comum e impulsiona a mobilização em rede.

## 2.5 Ciclos de atenção digital

A arquitetura das plataformas digitais favorece dinâmicas de fragmentação discursiva e efemeridade mobilizadora (boyd, 2010; Tufekci, 2017; Citton, 2017). Apesar do potencial de denúncia, as redes sociais tendem a gerar ciclos curtos de atenção e dificuldades de continuidade organizativa. Configura-se, assim, uma tecnopolítica da atenção: um regime em que infraestruturas técnicas e desigualdades sociais se reforçam mutuamente (Fuchs, 2021; Couldry & Mejias, 2019).

A estrutura do Twitter combina curadoria algorítmica, assimetrias relacionais e dinâmicas de recirculação que aceleram a visibilidade e concentram poder comunicativo em grupos desproporcionalmente ativos, oferecendo simultaneamente oportunidades de mobilização e mecanismos de exclusão simbólica. Como referido anteriormente, no plano técnico privilegia-se a recirculação; no plano dinâmico, esse processo gera ciclos de atenção voláteis: os retweets operam como dispositivo central de amplificação, favorecendo a repetição em detrimento da novidade e intensificando a concentração da visibilidade (Rao, Morstatter & Lerman, 2022). A atenção digital estrutura-se em ciclos curtos, nos quais notícias circulam rapidamente, decaem de forma acelerada e tendem a ser mais negativas e emocionalmente carregadas, confirmando o caráter reativo da visibilidade (Brannon & Roy, 2024).

A esfera digital contemporânea é regida por uma economia da atenção, na qual a visibilidade se torna um recurso escasso e disputado, condicionado por lógicas de rentabilização emocional e temporal (Citton, 2017; Wu, 2016). Nesse contexto, os algoritmos de recomendação privilegiam conteúdos afetivamente intensos e polarizadores — não por afinidade ideológica, mas porque maximizam o envolvimento e prolongam o tempo de exposição (Fuchs, 2021). O desenho das plataformas, orientado para a captura de atenção, incentiva segmentações emocionais e a formação de públicos afetivos, onde as emoções atuam como força organizadora do discurso digital (Boler & Davis, 2018; Wahl-Jorgensen, 2019). As emoções, ao “aderirem” a signos e categorias, moldam o reconhecimento e o juízo moral nas interações online (Ahmed, 2014, pp. 11–13), convertendo o afeto em critério de visibilidade. Neste enquadramento, marcadores textuais e etiquetas públicas — como hashtags e palavras-chave — funcionam como

dispositivos discursivos de condensação simbólica, indexando pertenças, posições e fronteiras morais no fluxo conversacional (Bruns & Burgess, 2011).

Em paralelo, o ambiente digital mostra-se vulnerável à manipulação estratégica. Redes automatizadas e contas coordenadas podem amplificar artificialmente certas narrativas e reduzir a visibilidade de outras, afetando a percepção pública de relevância (Ferrara et al., 2016; Marwick & Lewis, 2017). Além disso, as práticas de moderação de conteúdo, quando opacas e desigualmente aplicadas, configuram formas contemporâneas de violência simbólica — um poder invisível exercido pela linguagem e pela infraestrutura técnica — que penaliza determinados enunciadores e protege enquadramentos dominantes (Bourdieu, 1991; Bucher, 2018; Roberts, 2019). Nesse sentido, a tecnopolítica da atenção não se limita à disputa por visibilidade, mas inclui o controlo silencioso dos regimes de enunciação, nos quais a autoridade algorítmica define quem pode ser visto, ouvido ou legitimado.

## 2.6 Desigualdade no digital

A investigação recente tem evidenciado que as plataformas digitais não constituem espaços neutros, mas ecossistemas que reproduzem, reconfiguram e amplificam desigualdades raciais, de género, de classe e de visibilidade política. As análises críticas da tecnologia demonstram que essas infraestruturas estão imersas em relações de poder que moldam o acesso, a representação e a circulação de informação, convertendo hierarquias sociais em lógicas algorítmicas que projetam desigualdades estruturais sob aparência de neutralidade técnica (Gillespie, 2018; Benjamin, 2019; D'Ignazio & Klein, 2020).

Neste contexto, ganha relevo a noção de racismo algorítmico, que descreve como sistemas de busca, recomendação e classificação reproduzem enviesamentos raciais e de género, transformando desigualdades históricas em padrões codificados de decisão e visibilidade. As plataformas, longe de refletirem passivamente a estrutura social, incorporam-na na própria arquitetura, amplificando exclusões simbólicas e atuando como mediadoras do poder (Noble, 2018). Esta perspetiva mostra que fenómenos de

visibilidade e circulação de conteúdos, como os observados no Twitter/X, resultam de mecanismos técnicos que tanto produzem quanto reproduzem hierarquias simbólicas.

A continuidade entre formas históricas de supremacia racial e as suas expressões digitais também tem sido documentada por estudos sobre racismo em rede, que demonstram como comunidades extremistas exploram o ambiente online para recrutar, legitimar e difundir ideologias discriminatórias. A digitalização, longe de eliminar o racismo, proporciona-lhe novas condições de propagação e reorganização (Daniels, 2009).

Em perspectiva complementar, a noção de racialização digital contribui para compreender como a internet não instaurou um cenário pós-racial, mas antes reconfigurou as práticas de racialização sob mediações tecnológicas. A raça, longe de se diluir na virtualidade, permanece central, embora articulada por gramáticas algorítmicas e infraestruturais que reescrevem as formas de diferenciação e exclusão (Nakamura & Chow-White, 2012). Esta leitura é fundamental para analisar as disputas raciais contemporâneas, nas quais as identidades são continuamente reinscritas por processos automáticos de classificação e pelas condições técnicas da visibilidade digital.

Deste modo, as plataformas digitais devem ser entendidas como infraestruturas tecnopolíticas que moldam ativamente as práticas raciais, e não como canais neutros de comunicação. A convergência entre os conceitos de racismo algorítmico, adaptação histórica do racismo ao meio digital e racialização algorítmica delineia uma base teórica sólida para compreender a persistência das desigualdades na era tecnológica. Estudos recentes reforçam esta leitura ao mostrar que as lógicas de classificação e priorização de conteúdos continuam a reproduzir regimes de exclusão racial e epistémica nas plataformas contemporâneas (Benjamin, 2019; Bucher, 2018; Gray, 2019).

## 2.7 Participação cívica digital

As dinâmicas de discriminação e invisibilização racial observadas nas instituições prolongam-se no espaço digital, onde coexistem com possibilidades inéditas de contestação e participação cívica. Os media tradicionais tendem a reproduzir padrões de exclusão simbólica (Cunha, 2009), enquanto a difusão das plataformas digitais introduz

uma redistribuição parcial de visibilidade que desafia — ainda que de modo limitado — hierarquias estabelecidas.

Em Portugal, essa dinâmica tornou-se visível em 2020. Após o assassinato de George Floyd, a hashtag *#VidasNegrasImportam* — em articulação com *#BlackLivesMatter* — circulou amplamente nas redes, associada a marchas públicas em Lisboa e Porto, funcionando como dispositivo de denúncia do racismo estrutural. No mesmo ano, o caso de Cláudia Simões, na Amadora, vítima de violência policial, gerou a difusão massiva de *#JustiçaParaCláudiaSimões*, que ampliou contra-narrativas e mobilizou solidariedades digitais. Estas mobilizações integram-se numa ecologia transnacional de ativismo antirracista mediado por hashtags, comparável às dinâmicas observadas nos Estados Unidos e no Brasil (Bonilla & Rosa, 2015; Freelon, McIlwain & Clark, 2018; Carney, 2016). No contexto português, a visibilização digital das desigualdades raciais contribuiu para reinscrever o racismo como problema público, evidenciando que as plataformas reconfiguram a esfera pública e os repertórios de ação coletiva (Araújo & Maeso, 2021; Papacharissi, 2015).

A interdependência entre espaço físico e digital tornou-se constitutiva da ação cívica contemporânea. Estudos etnográficos sobre jovens afrodescendentes em contextos urbanos demonstram que a vida quotidiana se desenrola num contínuo entre territórios materiais e plataformas, produzindo fluxos integrados de experiências, narrativas e mobilizações (Lane, 2016, pp. 7–9). Este hibridismo amplia o alcance e ancora as práticas cívicas em redes locais e transnacionais, permitindo que reivindicações de reconhecimento, igualdade e justiça circulem para além das fronteiras geográficas e institucionais.

A limitação estrutural dos media tradicionais evidencia a relevância do digital. A mediação editorial tende a alinhar enquadramentos com perspetivas institucionais, suprimindo vozes dissidentes, enquanto as plataformas, ao reduzirem barreiras de entrada e custos de publicação, criam arenas de expressão menos sujeitas a filtros convencionais, onde narrativas ancoradas na experiência vivida circulam com maior autonomia (Chadwick, 2013, p. 9).

## 2.8 Especificidades do Twitter

Entre as diferentes plataformas digitais, o Twitter ocupa uma posição singular no ecossistema digital. A sua estrutura técnica — baseada em mensagens curtas, lógica de recirculação (retweet) e curadoria algorítmica em tempo real — favorece a rápida amplificação de eventos e controvérsias públicas, tornando-o um espaço privilegiado de visibilidade política e conflito discursivo (Bruns & Burgess, 2011; Zulli & Zulli, 2022). Ao contrário de plataformas como o Instagram ou o TikTok, centradas na estética e no entretenimento, o Twitter consolidou-se como arena de comentário público e de circulação de narrativas mediáticas, articulando elites jornalísticas, ativistas e públicos afetivos (Papacharissi, 2015; Freelon, 2020). Esta característica explica o seu papel central na emergência de debates sobre racismo, justiça e cidadania em contextos democráticos.

Do ponto de vista técnico, a arquitetura do Twitter — baseada na circulação rápida de mensagens curtas e threads — favorece a formação de públicos efêmeros e comunidades discursivas temporárias, ampliando simultaneamente a mobilização e a visibilidade (Elmas et al., 2021). Esta visibilidade, contudo, depende sobretudo da recirculação: os retweets funcionam como mecanismo de amplificação central, privilegiando a repetição em detrimento da novidade (Rao, Morstatter & Lerman, 2022). A atenção digital estrutura-se em ciclos curtos, nos quais notícias circulam rapidamente, decaem de forma acelerada e tendem a ser mais negativas e emocionalmente carregadas, confirmando o caráter reativo da visibilidade (Berger & Milkman, 2012, pp. 197–199).

Do ponto de vista tecnopolítico, a esfera digital é estruturada pela “economia da atenção”, um regime comunicativo em que a atenção humana se torna o principal recurso em disputa (Simon, 1971, p. 40; Citton, 2017, pp. 3–4). Nessa lógica, os algoritmos de ordenação e recomendação privilegiam conteúdos intensamente emocionais e polarizadores, não por razões ideológicas, mas porque maximizam o envolvimento e o tempo de exposição (Gillespie, 2018). Esse desenho incentiva segmentações afetivas e a formação de públicos afetivos (Papacharissi, 2015), onde emoções circulam e “aderem” a signos e categorias, moldando reconhecimento e juízo moral (Ahmed, 2014, p. 10).

Paralelamente, o ambiente é vulnerável à manipulação estratégica: redes automatizadas e contas coordenadas podem inflacionar certas narrativas e reduzir a

visibilidade de outras (Ferrara et al., 2016; Marwick & Lewis, 2017). Além disso, práticas de moderação assimétricas podem constituir formas de violência simbólica, quando critérios opacos penalizam determinados enunciadores e protegem enquadramentos dominantes (Bourdieu, 1991). Da matriz colonial às dinâmicas digitais, emerge um contínuo de exclusão e contestação que esta investigação analisará empiricamente no caso português.

## 2.9 Do Twitter ao X: transformações mediológicas e mutações discursivas

Desde a sua criação em 2006 e, mais recentemente, após a aquisição por Elon Musk em 2022 e a reconfiguração para “X”, a plataforma manteve os elementos centrais da sua arquitetura — curadoria algorítmica, visibilidade seletiva e recirculação em rede — embora sob governação mais opaca e orientada para a monetização da atenção (Bucher, 2018; Couldry & Mejias, 2019; Wu, 2016).

A visibilidade é regulada por essa curadoria algorítmica: políticas de moderação e sistemas de ranking determinam o que aparece no *feed*, privilegiando conteúdos curtos, replicáveis e emocionalmente intensos, maximizando o envolvimento e incentivando a polarização discursiva (Gillespie, 2018). Desde 2023, com o X, esta curadoria tornou-se ainda menos transparente, integrando sistemas de recomendação proprietários que favorecem conteúdos pagos (*premium*) e contas verificadas, reforçando hierarquias de visibilidade e reduzindo a diversidade informativa (Özturan et al., 2025).

Esta dinâmica associa-se à segmentação ideológica e às chamadas “câmaras de eco” — conceito difundido por Sunstein (2001, pp. 59–63), que descreve ambientes digitais onde a exposição informativa é homogénea e tende a reforçar crenças pré-existentes. Contudo, estudos mais recentes relativizam a amplitude deste fenômeno. Dubois e Blank (2018) demonstram que, no consumo digital mais amplo, a maioria dos utilizadores continua exposta a múltiplas fontes, sugerindo interações mais heterogéneas do que o modelo clássico das câmaras de eco pressupõe.

No caso específico do Twitter e do X, os estudos pioneiros identificaram padrões de polarização, mas também circulação de mensagens entre campos ideológicos distintos

(Conover et al., 2011; Barberá, 2015). Investigações mais recentes reforçam essa ambivalência, mostrando que, embora a plataforma permita interações cruzadas, estas tendem a ser mais “tóxicas”, caracterizadas por linguagem hostil, insultuosa e emocionalmente carregada, o que gera menor envolvimento e reciprocidade (Ribeiro, Blackburn & Almeida, 2021). Após a transição para X, o discurso de ódio tornou-se mais visível, acompanhado por amplificação algorítmica de afetos negativos, contribuindo para a deterioração da civilidade comunicativa (Hickey et al., 2023).

A transição de gestão da plataforma não alterou a estrutura técnica de base, mas transformou a sua função: o que antes operava como dispositivo de curadoria pública passou a integrar uma lógica de personalização e rentabilidade que redefine a arquitetura mediológica da plataforma. Inserido numa ecologia mais ampla de plataformas digitais, o X pode ser compreendido como estruturado por três dispositivos centrais: o *follow* unidirecional, os *trending topics/hashtags* e a monetização indireta via atenção. Este regime articula-se com o poder algorítmico de produção de relevância: *timelines* e *trending topics* não apenas refletem debates, mas também os constroem por meio de critérios invisíveis. A opacidade algorítmica, aliada ao acesso condicionado via APIs, impõe limites cognitivos tanto aos utilizadores como aos investigadores, reforçando a assimetria entre experiência pública e funcionamento interno da plataforma (Bucher, 2018).

No plano relacional, a unidirecionalidade das ligações aprofunda desigualdades comunicativas: poucos falam para muitos, enquanto a maioria permanece confinada a audiências restritas. Este modelo de broadcasting em rede concentra visibilidade desproporcionada em políticos, celebridades e meios de comunicação, consolidando essas hierarquias discursivas (Hogan, 2010). A mecânica interna reforça tal padrão: *retweet*, *reply*, *mention* e *follower* incentivam a recirculação em detrimento da produção original, organizam a atenção em torno de eventos mediados por hashtags e possibilitam curadoria coletiva em tempo real (Bruns & Burgess, 2011; Bruns & Stieglitz, 2013). Estas affordances comunicativas definem gramáticas específicas de visibilidade e interação, centrais para a identidade da plataforma (Zulli & Zulli, 2022).

Daqui decorre uma forma híbrida de comunicação — a *mass self-communication* — em que mensagens podem escalar rapidamente a audiências massivas, combinando comunicação interpessoal e de massas. Esta hibridez desafia categorias clássicas e

favorece mobilizações políticas episódicas e intensamente afetivas. Todavia, a sua força é instável e de curta duração, por assentar em agregações emocionais momentâneas (Papacharissi, 2015; Freelon, 2020). Essa hibridez é moldada por quem mais participa: uma minoria desproporcionalmente ativa.

Os padrões demográficos confirmam esse enviesamento estrutural: cerca de 10% dos utilizadores produzem aproximadamente 80% das publicações, e a base é sobretudo jovem, urbana e educada (Pew Research Center, 2019; 2021; 2023). Esta sobrerrepresentação não é um mero dado descritivo: resulta da própria arquitetura, que favorece perfis com elevada literacia digital e tempo disponível. Assim, o Twitter e o X representam duas fases de um mesmo ecossistema: o primeiro estruturado por dinâmicas de conversação pública, o segundo por governação algorítmica e comercial que altera profundamente as condições de representatividade.

Se, no plano técnico, a arquitetura privilegia a recirculação e concentra visibilidade em minorias ativas, no plano dinâmico essa lógica traduz-se em economias de atenção breves e voláteis, acentuadas pela governação desregulada e pelo declínio da curadoria informacional que caracterizam o X (Bucher, 2018; Wu, 2016). Daqui decorre que a plataforma atual deve ser compreendida não apenas como infraestrutura técnica, mas como regime tecnopolítico da visibilidade (Couldry & Mejias, 2019), cujo desenho algorítmico condiciona diretamente a emergência, circulação e intensidade das narrativas digitais analisadas nas secções seguintes.

### 3 Metodologia

Este capítulo apresenta o enquadramento metodológico da investigação, explicitando de que modo as questões de pesquisa formuladas na introdução foram operacionalizadas empiricamente. Descrevem-se os critérios de recolha e tratamento do corpus, os procedimentos analíticos e as estratégias de validação, transparência e reproduzibilidade adotadas ao longo do processo de investigação.

A abordagem metodológica, de natureza crítica, mista e interdisciplinar, foi concebida para apreender a complexidade das disputas discursivas digitais em torno da violência policial dirigida a populações racializadas. Fundamenta-se na articulação entre tecnopolítica, performatividade afetiva e regimes de visibilidade digital, integrando contributos da análise de discurso digital, da teoria crítica das emoções (Ahmed, 2014), da disputa semântica e da codificação diferencial (Hall, 1980, pp. 128–138) e da estrutura algorítmica da esfera pública (Sunstein, 2017).

#### 3.1 Dados, corpus e procedimentos

No total, foram recolhidas 11 906 publicações da plataforma Twitter/X, produzidas entre 21 de outubro e 3 de novembro de 2024. A recolha foi efetuada através da ferramenta TweetBinder, que utiliza a API oficial do X, permitindo a extração automatizada, exportação estruturada e obtenção de métricas descritivas — nomeadamente o volume diário de publicações, o rácio de retweets, as interações totais e o número estimado de utilizadores únicos.

Foram utilizados como termos-semente de pesquisa expressões sintática e semanticamente associadas ao caso em análise, como “*Odair Moniz*”, “*Justiça para Odair*” e “*Cova da Moura*”, garantindo a abrangência das variações linguísticas e contextuais do debate público em torno do acontecimento.

Juntamente com o TweetBinder, recorreu-se ao uso de outras ferramentas de tratamento e análise, que foram selecionadas pela sua complementaridade funcional: python/pandas para limpeza, normalização, deduplicação do corpus; Microsoft Excel,

para verificação, reconciliação e cálculo de frequências, percentagens e séries temporais; e NVivo, para análise semântica e categorial com codificação manual assistida, assegurando coerência interpretativa e rastreabilidade.

Após a recolha, procedeu-se a uma limpeza sistemática do corpus, que incluiu a remoção de duplicações, spam e ruído lexical, bem como a exclusão de mensagens fora do escopo temático e de publicações redundantes. O texto foi uniformizado e normalizado quanto à codificação e formato, resultando num ficheiro final em formato .csv, preparado para análise textual e relacional.

A estrutura final do *dataset* incluiu colunas correspondentes à data da publicação, autor, tipo de interação (tweet original, retweet, reply, *quote*), contagem de interações e conteúdo textual integral, o que possibilitou a posterior segmentação temática e afetiva.

Não foram aplicadas técnicas automatizadas de modelação de tópicos nem de análise de sentimentos. As leituras afetivas e discursivas foram conduzidas manualmente e de forma contextual, funcionando como apoio interpretativo à codificação categorial qualitativa, e não como eixo autónomo da investigação.

Após a preparação e estabilização do corpus, delineou-se uma estratégia analítica integrada que combinou abordagens quantitativas, qualitativas e afetivas, descrita na secção seguinte.

## 3.2 Estratégia analítica

Com o corpus estabilizado, procedeu-se a uma estratégia analítica integrada, articulando dimensões quantitativas, qualitativas e relacionais. O objetivo foi compreender não apenas *o que* foi dito, mas *como* e *em que momentos* as emoções e narrativas se intensificaram.

A análise foi conduzida em três níveis complementares: quantitativo-descritivo, em que se caracterizou o volume total de publicações, o número médio diário e a proporção entre autoria própria e redistribuição (retweets, replies e quotes). Estes indicadores permitiram identificar *padrões de atenção coletiva* e *fases de intensificação discursiva* ao longo do período em análise; qualitativo-discursivo, centrado na leitura e

codificação do conteúdo textual das publicações. Foram identificadas seis categorias principais de discurso — *notícias, discurso securitário, contra-narrativas informativas, antirracismo, luto/solidariedade e indefinidos/ruído* —, delineadas a partir da recorrência de temas, léxicos e enquadramentos retóricos; e afetivo-temporal, em que se analisou a distribuição e evolução das emoções dominantes ao longo dos dias, relacionando-as com acontecimentos concretos do mundo offline, como protestos, declarações institucionais e desenvolvimentos mediáticos. A leitura afetiva foi interpretativa e contextual, e não automatizada: os tweets foram examinados à luz de marcadores emocionais (verbais, simbólicos e performativos) que expressavam *luto, solidariedade, indignação, esperança ou humor/sarcasmo*. Cada categoria afetiva foi acompanhada temporalmente, permitindo observar como a intensidade emocional variou em paralelo com os acontecimentos offline, e com os picos de atenção digital.

A segmentação afetiva baseou-se, portanto, na interpretação semântica e pragmática das expressões emocionais, considerando a relação entre o conteúdo, o momento da publicação e o seu enquadramento discursivo. As classificações foram revistas de forma iterativa, garantindo coerência e estabilidade entre categorias.

Esta abordagem combinada permitiu articular a estrutura quantitativa da circulação (volumes, ritmos, retweets) com a estrutura qualitativa dos significados (emoções, narrativas, posicionamentos), assegurando uma leitura densa e metodologicamente consistente das dinâmicas discursivas observadas no X.

### 3.3 Validez, limitações e ética

A análise restringiu-se à plataforma X, o que implica a exclusão de outros canais comunicacionais relevantes, como WhatsApp, Facebook, Instagram, TikTok ou fóruns noticiosos, onde circulam dinâmicas discursivas distintas. Esta delimitação metodológica limita a possibilidade de generalização dos resultados para a “opinião pública” em sentido amplo, dado que o X representa apenas um segmento específico da esfera digital: mais urbano, mediaticamente exposto, politizado e composto por utilizadores com maior literacia digital (Jungherr, 2015; Marres, 2017). Assim, os resultados refletem padrões de

visibilidade e controvérsia próprios da comunicação em rede aberta, e não a totalidade das interações e percepções sociais sobre o caso.

Reconhece-se que a dependência de termos de pesquisa e hashtags introduz um viés de descoberta, dado que mensagens relevantes que não utilizam esses marcadores podem ter ficado excluídas (Bruns & Burgess, 2011; Bucher, 2018; Freelon et al., 2018). Diversos estudos sobre análise de dados no Twitter destacam que este tipo de amostragem, ainda que amplamente utilizada, tende a privilegiar conteúdos mais visíveis e coordenados, exigindo, por isso, cautela na generalização dos resultados.

Do ponto de vista ético, apenas foram tratados dados publicamente disponíveis, procedendo-se à anonimização de identificadores diretos, ao armazenamento seguro e à observância do Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016 — Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (RGPD). Embora a recolha tenha abrangido a totalidade das publicações públicas contendo os termos-semente selecionados — num total de 11 906 mensagens —, o corpus deve ser entendido como exaustivo no domínio temático e temporal definido, mas não integral em sentido absoluto. A recolha, dependente de marcadores lexicais específicos, pode ter excluído publicações relevantes que não utilizavam essas expressões e a API pública do Twitter/X não permite aceder a conteúdos apagados, a contas privadas nem a interações ocultadas por moderação algorítmica (Bruns & Burgess, 2011; Bruns & Stieglitz, 2013; Bucher, 2018).

As inferências foram formuladas com cautela interpretativa, reconhecendo-se a impossibilidade de confirmar a identidade étnico-racial, o género, a idade, a nacionalidade, o nível de escolaridade, a ocupação, a condição socioeconómica e a localização geográfica efetiva dos utilizadores. A ausência de dados demográficos fiáveis no X — decorrente do caráter autodeclarado dos perfis — impede a identificação robusta de variáveis sociais e territoriais, restringindo a possibilidade de correlações estatísticas entre participação discursiva e atributos individuais. Acresce que as métricas disponíveis (seguidores, interações, impacto) descrevem apenas comportamentos observáveis e não permitem inferir motivações, pertenças ou posicionamentos ideológicos com validade sociológica. Por conseguinte, os resultados apresentados devem ser entendidos como indicadores de padrões discursivos e relacionais, e não como representações demográficas ou socioeconómicas dos participantes.

## 4 Análise

Esta secção analisa 11.906 publicações realizadas na rede social X/Twitter entre 21 de outubro de 2024 e 3 de novembro de 2024, com o objetivo de compreender, de forma integrada, três dimensões: (i) a evolução cronológica do volume de publicações e os picos de atenção, (ii) a estrutura de participação e os padrões de circulação (autoria própria vs. redistribuição) e (iii) os eixos discursivos dominantes que moldaram o debate. (Ver Figuras B1–B3, B8–B9 e B5–B7 no Anexo B.)

### 4.1 Contextualização

Odair Moreno Moniz, cidadão cabo-verdiano de 43 anos, residente em Portugal há mais de duas décadas, morreu a 21 de outubro de 2024 na sequência de uma intervenção da Polícia de Segurança Pública (PSP). Segundo o relato policial inicial, a ocorrência teve origem numa perseguição a uma viatura alegadamente roubada que terminou nas imediações da Cova da Moura — bairro vizinho do Zambujal, onde Odair residia.

Após abandonar o veículo, Odair teria ameaçado os agentes com uma arma branca, levando a disparos que o atingiram no peito. Foi transportado ainda com vida para o Hospital de São Francisco Xavier, onde o óbito foi declarado horas depois. Nas horas seguintes, a PSP reiterou publicamente a versão da ameaça e a proporcionalidade do uso da força letal. Contudo, a 23 de outubro, imagens de videovigilância difundidas nas redes sociais e nos meios de comunicação mostraram Odair de mãos vazias no momento da abordagem e imobilizado no chão sem assistência visível durante vários minutos.

A divulgação destas imagens desmentiu a narrativa policial, desencadeando uma crise de credibilidade institucional e convertendo o caso num acontecimento mediático e político de grande impacto nacional. Seguiram-se ondas de indignação e protestos em bairros periféricos da Área Metropolitana de Lisboa — incluindo Cova da Moura, Zambujal e Loures — com registo de confrontos com as forças de segurança, barricadas e veículos incendiados.

O caso ultrapassou a escala local, mobilizando organizações antirracistas, coletivos de jovens, jornalistas e figuras públicas, o que gerou ampla cobertura mediática. A dimensão racial da controvérsia tornou-se evidente na polarização do debate sobre violência policial, racismo institucional e desigualdade estrutural em Portugal. A cronologia detalhada dos incidentes subsequentes — abrangendo os acontecimentos imediatos e os desenvolvimentos posteriores, incluindo confrontos, protestos e processos judiciais — encontra-se sistematizada em anexo, permitindo uma leitura factual rigorosa sem sobrecarregar a análise.

## 4.2 Enquadramento estrutural e histórico

As heranças coloniais e a persistência de desigualdades raciais no exercício policial em Portugal configuram o horizonte socio-histórico no qual se inscreve o caso da morte de Odair Moniz. Longe de constituir um episódio isolado, este evento reinscreve padrões históricos de controlo e exclusão racial amplamente documentados por relatórios institucionais e investigações académicas (Mbembe, 2014).

O contexto português permanece marcado por assimetrias sociais profundas que se projetam na atuação policial e na distribuição diferenciada da violência. As denúncias recorrentes de agressões e abordagens coercivas a cidadãos afrodescendentes ilustram a vulnerabilidade estrutural desses grupos e a continuidade de práticas de policiamento seletivo. A European Union Agency for Fundamental Rights (FRA, 2018, p. 32) confirma que pessoas negras e afrodescendentes estão desproporcionalmente expostas a ações policiais coercivas e, em situações extremas, letais.

Estas dinâmicas tornam-se particularmente visíveis em bairros periféricos, caracterizados por elevada densidade populacional, segregação socioespacial e forte presença de comunidades migrantes e afrodescendentes. Nesses territórios, a atuação policial assume frequentemente um caráter de governação diferencial da população, constituindo autênticos espaços de experimentação de práticas securitárias racializadas (Mbembe, 2019, p. 68).

As práticas securitárias racializadas observadas em bairros periféricos são habitualmente legitimadas por narrativas de risco urbano e descritas como heranças de

lógicas coloniais (Raposo & Varela, 2016; Rodrigues, 2021), onde a diferença racial é traduzida em categorias de ameaça e perigo social, prolongando imaginários coloniais sob novas linguagens de “ordem” e “segurança” (Goldberg, 2009; Ahmed, 2014).

### 4.3 Cronologia dos acontecimentos no período analisado (21/10 a 03/11/2024)

O ciclo de acontecimentos entre 21 de outubro e 3 de novembro de 2024 estruturou-se em quatro momentos principais: (i) a morte de Odair Moniz, que desencadeou os primeiros protestos locais (SIC Notícias, 2024); (ii) a intensificação após a divulgação das imagens de videovigilância (23/10), que marcou o pico de mobilização (RTP, 2024); (iii) a fase de sustentação entre 24 e 26 de outubro, marcada por protestos de rua e confrontos dispersos; e (iv) o declínio gradual da contestação, que estabilizou em níveis residuais no início de novembro.

Esta trajetória cronológica encontra paralelo na evolução da atenção digital, analisada na secção seguinte, e a cronologia completa encontra-se sistematizada em anexo. (Ver Tabela A, nos Anexos, para uma leitura integral da cronologia do período analisado.)

### 4.4 Desdobramentos posteriores

Nos meses seguintes, o caso manteve centralidade política e mediática. Entre os marcos mais relevantes contam-se: a conclusão do inquérito pela Polícia Judiciária (02/01/2025), a acusação formal do Ministério Público por homicídio com pedido de expulsão do agente (29/01/2025) e a marcação do julgamento para outubro de 2025 (17/06/2025), sendo os restantes desdobramentos detalhados em anexo.

Deste modo, a persistência do caso no plano judicial e político assegurou a sua centralidade pública para além do ciclo inicial de protestos, prolongando a sua presença

na agenda pública nacional. (Ver Tabela B, nos Anexos, e Figuras C9 e C10 para um panorama completo do evento.)

#### 4.5 Minidicionário operativo

Antes da análise dos resultados, importa clarificar os mecanismos centrais de circulação em X/Twitter. Esta estrutura assenta em três operações: *retweet/repost*, que amplifica uma mensagem sem alteração; *citação/quote*, que a redistribui com comentário; e *resposta/reply*, que encadeia debate no fio original. Estes mecanismos constituem a base da difusão e da disputa discursiva examinada neste estudo.

As métricas de visibilidade distinguem entre impressões — todas as exibições de um conteúdo, incluindo múltiplas visualizações pelo mesmo utilizador — e alcance, que estima o número de utilizadores únicos expostos ao conteúdo. Ambos os indicadores são influenciados por algoritmos proprietários e não traduzem participação direta nem garantem linearidade entre produção e receção<sup>1</sup>.

A visibilidade inicial é condicionada pela rede de seguidores de cada conta, mas a ordenação algorítmica do feed<sup>2</sup> pode reforçar, atenuar ou suprimir difusões. Este caráter probabilístico torna o alcance contingente, produzindo desigualdades de exposição (Rao, Morstatter & Lerman, 2022, p. 2) que estruturam os padrões de circulação analisados nas subsecções seguintes.

#### 4.6 Evolução cronológica da atenção

O volume de publicações na rede social X/Twitter apresenta uma distribuição marcada por fortes oscilações, longe de qualquer linearidade. A série temporal evidencia momentos de maior densidade comunicativa, em que a atenção coletiva se concentra e se intensifica, intercalados com fases de retração, em que a atividade diminui de forma

---

<sup>1</sup> Definições segundo Twitter Developer Documentation (2024).

<sup>2</sup> Feed algorítmico — fluxo de publicações apresentado a cada utilizador, ordenado por critérios de recomendação (ex.: relevância, envolvimento).

visível. Esta irregularidade constitui um traço característico das dinâmicas digitais em torno de acontecimentos socialmente controversos, revelando como a atenção pública se organiza em ciclos de expansão e contração, mais próximos de uma lógica episódica do que de uma continuidade uniforme.

No intervalo compreendido entre 21/10 e 03/11, a trajetória cronológica evidencia uma dinâmica em oito fases distintas. Esta classificação servirá de guia para o tópico. O período inicia-se com um arranque de baixa intensidade (21/10), seguido de uma aceleração marcada (22/10) que desemboca num pico absoluto de atenção (23/10). Entre 24 e 26/10 observa-se a manutenção de um patamar elevado, ainda que em trajetória descendente, configurando uma fase de sustentação. Segue-se um abrandamento relativo, interrompido por um ressurgimento pontual (27/10), após o qual se instala um declínio rápido e contínuo (a partir de 28/10), culminando, já no início de novembro (01–03/11), numa estabilização em níveis residuais. (Ver Figura B1–B9 para entender a evolução e estrutura do discurso ao longo do período analisado).

#### 4.7 Eixos Discursivos Dominantes

A análise retórica do conteúdo escrito permitiu a identificação de seis grandes eixos retóricos, com base em referenciais consolidados sobre afetos políticos, controvérsias digitais e circulação narrativa em redes (Papacharissi, 2015, pp. 36–38; Marwick & Lewis, 2017, p. 18). (A distribuição diária e a evolução temporal por eixos verificam-se nas Figuras B5–B7.)

##### I. Notícias

As notícias constituíram o eixo mais volumoso em termos absolutos, representando 46,1% do corpus. Este funcionou como fornecedor primário de matéria discursiva e, simultaneamente, como filtro inicial de visibilidade, definindo quais eventos e enquadramentos circulavam na esfera digital.

*Dezenas de pessoas na Igreja da Buraca para cerimónias fúnebres de Odair Moniz — @SICNoticias (27/10/2024)*

O seu peso confirma a centralidade estrutural dos media tradicionais no ecossistema digital: longe de serem apenas um dos polos, constituíram o ponto de partida a partir do qual os utilizadores intervieram sobretudo como amplificadores de conteúdos noticiosos, num processo em que a redistribuição prevaleceu sobre a deliberação.

## II. Discurso securitário — normalização da letalidade estatal

Este foi o segundo eixo discursivo mais prevalente em toda a amostra, representando 21,1% das publicações. Estruturalmente, fundamenta-se na legitimação da ação estatal e na responsabilização da vítima, por meio de uma retórica de causalidade invertida, que apresenta a violência letal não como problema em si, mas como desfecho previsível da conduta atribuída ao indivíduo. Esta retórica manifesta-se em alusões a antecedentes criminais, apelos à tecnicidade processual e insistência em “aguardar o desenrolar da investigação oficial”. Uma dinâmica recorrente é a associação direta entre a vítima e uma suposta delinquência estrutural.

*Já repararam que casos como George Floyd e este agora em Portugal com Odair Moniz acontecem sempre com pessoas com vasto registo criminal? Será coincidência? [...] (Tweet, 26/10/2024).*

Este tipo de deslegitimação securitária, ancorada em imaginários pseudocientíficos, recupera os enquadramentos colonialistas discutidos anteriormente, em particular as hierarquias raciais naturalizadas pelo racialismo científico, conforme analisado na secção 2.3. Em vários casos, a narrativa resvalou para racismo explícito, ecoando imaginários colonialistas.

*Sabias que os africanos têm um QI médio < 70... Bem-vindos a África” (Tweet, 24/10/2024; tweet com imagem, ver Figura C1; Figura C2 como exemplo complementar).*

Quer na forma mais “moderada” (culpabilização pela alegada delinquência), quer nas versões mais extremas (racismo explícito), estas estratégias convergem para a

despolitização, deslocando o foco do ato letal para a manutenção da ordem e a confiança institucional, o que legitima a violência policial e inibe o seu questionamento enquanto expressão sistémica de racismo.

### III. Antirracismo — estruturação sistémica da violência

Totalizando uma fatia de 12,6% do ecossistema discursivo, o eixo antirracista constituiu a terceira força dominante do debate. Esta retórica não procura denunciar um incidente isolado, mas sim inscrever o episódio que vitimou Odair Moniz numa gramática histórica de desigualdades raciais, vinculando a experiência individual à história coletiva da violência racial.

*A pergunta aqui é O QUE ANDARAM A FAZER DURANTE ESTES ANOS?! Mais uma vez, mais um caso que mostra que nada mudou. — (Tweet, 25/10/2024)*

Assim, o eixo antirracista manifestou-se sobretudo através de denúncias explícitas de práticas policiais racializadas e de apelos a marcos internacionais e nacionais de justiça racial. Embora as hashtags militantes tenham representado apenas 3,3% do total de publicações enquadradas nesta retórica,<sup>3</sup> o seu peso simbólico foi expressivo, funcionando como âncoras discursivas. Apesar de não ter atingido o volume securitário ou o peso simbólico do luto, destacou-se como o eixo mais claramente político e estrutural, contrapondo-se à despolitização institucional e alimentando a memória coletiva do caso.

### IV. Contra-narrativas informativas — colapso da autoridade oficial

As contra-narrativas informativas representaram 12,3% do conjunto de dados analisados. Este eixo foi particularmente visível nos dias 23 e 24 de outubro, quando a divulgação das imagens de videovigilância desmontou a versão oficial da PSP e desencadeou uma explosão de mensagens que expunham inconsistências factuais. A

---

<sup>3</sup> A estranheza deste valor foi já problematizada na secção 2.6, onde se discutiu o papel das hashtags como dispositivos centrais de mobilização e agregação discursiva.

evidência visual funcionou como “prova negativa”, desafiando diretamente a narrativa oficial e repositionando factos verificáveis (sobre o carro, a faca ou a autópsia), tornando-se o motor discursivo mais eficaz na erosão da credibilidade institucional.

*Afinal, o carro não era roubado. Afinal, não houve ameaça com faca. Afinal, Odair Moniz foi morto porquê?! (Tweet, 23/10/2024).*

Enquanto o luto atuou sobretudo pela via afetiva e o antirracismo inscreveu a violência numa gramática estrutural, as contra-narrativas informativas distinguiram-se pela mobilização de dados, análises inquisitivas e sequências argumentativas. Ao operar na esfera da verificação, a sua força residiu em expor incoerências e, por conseguinte, em colapsar a autoridade oficial pela via da evidência, alimentando a memória coletiva da injustiça.

## V. Luto como infraestrutura emocional — humanização e solidariedade

O eixo do luto, apesar de apenas constituir 6,4% do corpus, destacou-se como a principal força de humanização do debate, contrabalançando a lógica de criminalização póstuma. A sua função central foi a de criar uma infraestrutura emocional transversal, reunindo redes de solidariedade prática e simbólica em torno da vítima, cuja ausência irreparável se tornou o núcleo de significação coletiva do acontecimento.

*Proteger quem? quem protege os filhos de Odair Moniz que vão crescer sem pai? tenham vergonha. (Tweet, 23/10/2024).*

Este eixo opera por meio da evocação de vínculos familiares, dor coletiva e narrativas de dignidade pessoal, transformando a vítima em sujeito moral e político. Mesmo que residuais, hashtags (#OdairMoniz; #rip) e emojis (🙏 🌸 ❤️) atuaram como marcadores rituais de luto. Alguns tweets deste eixo articularam simultaneamente luto e denúncia estrutural, mostrando como os afetos e a crítica política se entrelaçam na mesma publicação (Ver Figura C3).

## VI. Indefinidos

O eixo mais reduzido corresponde aos indefinidos/ruído, correspondendo apenas a 1,7% do ecossistema discursivo. Embora minoritário, este conjunto revela uma dimensão relevante: a circulação de mensagens ambíguas, dispersas ou laterais que não se integram claramente em nenhum dos outros eixos.

*Portugal em 2024... cada dia uma novela diferente. Amanhã já ninguém se lembra.* — (tweet, 31/10/2024).

Este ruído não deve ser lido como irrelevante: ele sinaliza a coexistência de temporalidades distintas no debate digital. Enquanto alguns utilizadores se mantêm polarizados, outros expressam cansaço, desinteresse ou apenas referências laterais. Em alguns casos, funcionou como válvula de escape irônica; noutros, como sintoma de desgaste, reforçando a ideia de que a atenção digital é sempre fragmentada e desigual.

Mesmo sendo residual em termos quantitativos, o eixo indefinido ajuda a compreender os limites de coesão narrativa, mostrando que nem toda a participação é politizada ou coerente — há sempre uma margem de dispersão que acompanha qualquer ciclo de controvérsia.

### 4.8 Correlação entre eventos offline e picos de atividade digital

Estabelecer a correlação entre acontecimentos offline e flutuações na atividade digital permite compreender como factos concretos se projetam no espaço em rede, evidenciando níveis de visibilidade, padrões de atenção coletiva<sup>4</sup> e dinâmicas narrativas.<sup>5</sup> É neste enquadramento que, nas páginas seguintes, se analisa cronologicamente a evolução da atividade entre 21/10 e 03/11/2024.

A análise opera uma triangulação entre (i) a cronologia de acontecimentos offline publicada por órgãos de comunicação e atores institucionais, (ii) os indicadores diários

---

<sup>4</sup> Padrões de atenção coletiva — Concentrações temporais de atividade digital (picos e declínios) em torno de um acontecimento.

<sup>5</sup> Dinâmicas narrativas — Formas como os acontecimentos são enquadados e contestados por diferentes versões e interpretações.

fornecidos pelo utilizador (volume<sup>6</sup>, rácio de retweets, engagement<sup>7</sup> e utilizadores únicos) e (iii) as métricas globais do corpus.

#### A. Arranque de baixa intensidade — 21 de outubro

No primeiro dia registaram-se 141 publicações (1,18% do corpus de 11 906), um dos valores mais baixos de todo o período. A autoria discursiva foi residual, com apenas 10 tweets originais (7,1%) e 131 retweets (92,9%). A baixa mobilização deveu-se à conjugação de três fatores: horário da ocorrência — em plena madrugada —, escassez de informação e rápida imposição da hegemonia da versão oficial, amplamente replicada pela imprensa.

Importa sublinhar que, embora a versão oficial tenha sido inicialmente veiculada pelos meios de comunicação social, a sua circulação no Twitter/X ocorreu sobretudo sob a forma de discurso securitário. Isto significa que a imprensa funcionou como fonte primária, mas os utilizadores não se limitaram a reproduzir as notícias: reappropriaram-nas e reenquadram-nas em chave de legitimação da ação policial. Por isso, a categoria “Notícias” manteve expressão residual (9,9%), enquanto a narrativa securitária absorveu a maior parte dessa difusão (85,8%). As contra-narrativas (3,5%) foram incipientes e os registos de luto (0,7%) não obtiveram visibilidade significativa; a categoria antirracismo não teve expressão. A incidência de linguagem potencialmente violenta (12,8%) reforça que o arranque foi marcado sobretudo por ressonância jornalística e institucional. Esta combinação de fatores traduz-se de forma clara em publicações como:

*Na Cova da Moura, imigrante africano foi abatido por agentes da PSP após o mesmo ser intercetado enquanto roubava uma viatura. Odair Moniz terá atacado os agentes com uma arma branca, resultando na sua morte. (Tweet, 21/10/2024).*

---

<sup>6</sup> Volume — Número total de publicações no período (tweets originais, respostas e reposts/retweets). Serve para medir a intensidade da atenção e identificar picos temporais.

<sup>7</sup> Engagement — Soma de interações (likes, reposts/retweets, respostas e citações), excluindo impressões. Expressa a intensidade da reação dos utilizadores ao conteúdo.

## B. Aceleração inicial — 22 de outubro

Com a divulgação inicial do caso para além da bolha restrita de utilizadores, e com as primeiras notícias a circularem nos meios digitais e tradicionais, o tema começou a ganhar maior atenção pública.

A atividade digital registou um crescimento de 233% em relação ao dia anterior, totalizando 469 publicações. Apesar do aumento do debate, a taxa de retweets (87,4%) confirma a prevalência de eco comunicacional sobre a produção de novos enquadramentos discursivos. Registou-se também um agravamento do tom: 20% das publicações continham linguagem potencialmente violenta, contra 12,8% no dia 21.

No plano discursivo, predominaram as Notícias (58,2%) e o enquadramento securitário (33,2%), embora tenham começado a emergir leituras antirracistas (4,7%) e registos de luto (1,8%), ainda residuais. As contra-narrativas informativas representaram apenas 0,6%.

## C. Pico absoluto de atenção — 23 de outubro

O ponto de viragem ocorreu com a divulgação das imagens de videovigilância que mostravam Odair Moniz de mãos vazias, contrariando a versão policial da alegada ameaça com faca. Este registo visual funcionou como detonador da indignação coletiva e impulsionou o auge da controvérsia digital: 2 408 publicações (20,2% do total) e o maior número de interações de todo o período (22 864).

*Mataram Odair Moniz porque: Ia num carro roubado — afinal o carro era dele. Tinha ameaçado os agentes com uma faca — afinal a história da faca era mentira. ... A PSP mentiu. (23/10/2024).*

A autoria discursiva atingiu 446 posts (tweets, respostas e citações), um valor muito superior ao dos dias anteriores e sinal de maior envolvimento ativo dos utilizadores. Importa notar que o aumento da mobilização não se traduziu num aumento da violência verbal: apenas 11,5% das publicações continham linguagem agressiva, menos do que nos dias anteriores. O motor da participação foi, sobretudo, a autoridade simbólica da prova

visual e a partilha indignada da sua evidência. A evidência visual ativou não apenas contestação informativa, mas também afetos de luto e denúncias de violência racial:

*Quanto mais se sabe da morte de Odair Moniz (...) mais gravidade assumem os seus contornos. E não é caso isolado, existe um historial de violência sistémica contra minorias e um racismo estrutural na polícia. (23/10/2024).*

No plano discursivo, tanto as Notícias (28,4%) quanto o discurso securitário (30,7%) continuaram a ter um peso relevante, mas perderam a hegemonia face ao crescimento de blocos alternativos: contra-narrativas informativas (15,8%), registos de luto e solidariedade (12,1%) e discurso antirracista (11,6%).

#### D. Sustentação elevada com clivagem moral — 24 de outubro

O ataque a um autocarro em Loures, que deixou um motorista gravemente ferido, redefiniu o centro da controvérsia. O episódio deslocou a percepção pública do confronto polícia–manifestantes para a agressão contra terceiros inocentes, dividindo o debate entre a indignação e a perda de legitimidade dos protestos. A atenção digital manteve-se em níveis muito altos, com 2 289 publicações (19,2% do total) e 13 723 interações, embora já abaixo do patamar do pico do dia anterior (22 864). A taxa de retweets subiu para 87,6%, revelando maior dependência de conteúdos jornalísticos e de declarações previamente produzidas.

*Por mais injusta q seja a morte de Odair Moniz é inaceitável usá-la para justificar actos de vandalismo e ameaças à integridade física de terceiros. Um motorista de autocarro está internado em estado grave e há relatos de passageiros esfaqueados. Toda a violência deve ser punida. (Tweet, 24/10/2024).*

No plano discursivo, verificou-se uma redistribuição do equilíbrio narrativo. As Notícias (43,6%) mantiveram centralidade, enquanto o discurso securitário (26,7%) ressurgiu com força, explorando tanto o passado criminal de Odair como a instrumentalização da nova vítima inocente. As contra-narrativas (30,4%) procuraram distinguir entre violência policial e violência dos protestos, enquanto o eixo antirracista (12,2%) insistiu na leitura estrutural do caso.

A linguagem violenta registou uma incidência de 12,8% das publicações — um valor acima da média, mas longe do pico (20% em 22/10). Mais do que pela agressividade verbal, o dia 24 ficou marcado pela clivagem moral: de um lado, a instrumentalização da agressão ao motorista para reforçar o discurso securitário; de outro, a radicalização das denúncias de violência policial.

 *Parabéns a todos os envolvidos principalmente à extrema-esquerda e à extrema-direita por instrumentalizar a morte de Odair Moniz para os seus fins políticos pessoais*  *À custa disto temos um motorista inocente internado com queimaduras* (Tweet, 24/10/2024)

A clivagem moral permitiu o regresso robusto do securitário, mas também manteve vivas as leituras de justiça racial e legitimidade do protesto (Marwick & Lewis, 2017, p. 4).

#### E. Manutenção em declínio gradual — 25–26 de outubro

A atenção digital entrou numa fase de declínio progressivo, marcada pela passagem da intensidade emocional para acontecimentos de natureza institucional e pela deslocação parcial da mobilização para as ruas.

No dia 25, registaram-se 1 496 publicações (12,6% do total, uma diminuição de 34,6% face à véspera) e 8 645 interações. O fator central foi a constituição formal do agente da PSP como arguido por homicídio simples. O debate centrou-se, assim, no valor institucional do ato, entendido como marco probatório<sup>8</sup>, mas não condenatório.

Agente da PSP que baleou Odair Moniz indiciado por homicídio simples (Tweet, 25/10/2024) — informação oficial, ancorada em fonte mediática (CNN).

Registe-se ainda que 13,8% das publicações continham linguagem agressiva, o que mostra que, mesmo em registo jurídico-processual, o tom de confronto permaneceu

---

<sup>8</sup> *Probatório* — No vocabulário jurídico, refere-se ao que tem valor de prova ou constitui elemento de evidência num processo. Não implica efeito condenatório, pois não corresponde a um juízo de culpa nem determina, por si só, a condenação do arguido.

presente. Com o eco da mobilização pela causa surgiram vozes de indignação, que recorreram à ridicularização e ironia (Ver Figura C4).

No dia 26 a atividade desceu para 1 278 publicações (10,7% do total) e 12 323 interações, uma quebra de 14,6% face ao dia anterior. A explicação central está na mobilização presencial da marcha “Justiça para Odair”, que levou muitos dos utilizadores mais ativos a transferirem a sua participação para as ruas. Essa deslocação fez com que o volume de tweets diminuisse, mas também fez com que a conversa digital ficasse praticamente monopolizada pela marcha.

O debate estruturou-se em torno de dois polos: por um lado, publicações que legitimaram a marcha como um marco histórico de mobilização antirracista; por outro, comentários críticos que procuraram desvalorizar o seu significado, muitas vezes por via de comparações depreciativas com outros protestos ou acontecimentos. Assim, embora a intensidade online tenha baixado, a agenda discursiva do dia foi dominada quase em exclusivo pela marcha e pela disputa em torno da sua legitimidade. Exemplos dão corpo a essa pluralidade:

*Fomos muitos milhares a exigir justiça para Odair Moniz e o fim da repressão policial nos bairros. Pessoas de muitos bairros da Área Metropolitana de Lisboa juntaram-se – pacificamente e assertivamente – para gritar que sem justiça não há paz. (Tweet, 26/10/2024) (Ver Figuras C5 e C6; exemplificação com imagem).*

À afirmação coletiva, respondeu a retórica da desvalorização:

Marcha pela “justiça”? Isto é só arruaça de quem não quer trabalhar. (Tweet, 26/10/2024).

No plano discursivo, os dois dias apresentaram configurações distintas. Em 25 de outubro, prevaleceram as contra-narrativas (34,5%), focadas no significado da constituição de arguido; seguiram-se o discurso securitário (28,7%), sustentado na confiança institucional; o luto e a solidariedade (17,8%) em registo moderado; e o antirracismo (12,6%), denunciando a tentativa de despolitização.

Já a 26 de outubro, o eixo antirracista (37,9%) apresentou a marcha como marco histórico e conectou-a a lógicas transnacionais. Narrativas de luto e solidariedade (24,2%) legitimaram a mobilização pacífica; o discurso securitário (20,3%) persistiu, sobretudo

em registos comparativos; e as contra-narrativas (9,4%) recuaram perante a força simbólica da marcha.

#### F. Ressurgimento pontual — 27 de outubro

No dia 27 de outubro registou-se um ressurgimento inesperado da atividade digital, com 13 934 interações e 1 882 publicações (15,8% do total e um aumento de 47,2% face à véspera). Esse crescimento ocorreu apesar da ausência de novos factos relevantes e deveu-se em larga medida à repercussão prolongada da marcha “Justiça para Odair”, que continuou a dominar o debate online através da partilha de imagens, testemunhos e balanços críticos do seu significado. A elevada taxa de retweets (90,9%) — a mais alta de todo o período — confirma que a dinâmica se centrou na reamplificação desses conteúdos em detrimento de autoria discursiva original. A atenção deslocou-se, assim, da novidade factual para a curadoria reflexiva, transformando o dia num exercício coletivo de processamento crítico do conflito.

No plano discursivo, o eixo antirracista representou 29,9%. As contra-narrativas avaliativas corresponderam a 27,4%, sistematizando dados objetivos e oferecendo balanços críticos.

Embora o humor não constitua um eixo discursivo autónomo nesta análise, no dia 27 destacou-se de forma pontual, funcionando como modalidade reflexiva. A maior parte das publicações securitárias deste dia recorreu precisamente ao humor, assumindo a ironia e o sarcasmo para ridicularizar a versão oficial dos acontecimentos e, em menor grau, para caricaturar leituras excessivamente idealizadas da marcha (Ver Figura C7 e C8).

As Notícias (17,3%) funcionaram como suporte de circulação mediada, enquanto narrativas de luto e solidariedade (16,4%) reinterpretaram a marcha como protesto pacífico e contrastaram-na com a violência inicial. O discurso securitário (8,9%) manteve, assim, uma presença quantitativamente marginal, mas qualitativamente marcado pela predominância do registo humorístico. Outro dado de relevo é que 11,5% das publicações continham linguagem violenta — valor inferior aos dias 24 e 25 de outubro, mas ainda significativo, sinalizando que, mesmo em modo de balanço crítico, a indignação não se dissipara.

## G. Declínio acelerado — 28–31 de outubro

A partir de 28 de outubro, a controvérsia entrou numa trajetória descendente. O volume caiu para 938 publicações (7,9% do corpus, uma diminuição de 50,1% face à véspera) e 11 037 interações, uma queda de 20,8% em relação ao dia 27. O rácio de retweets atingiu 90,9%, sinal de que a atividade se limitou quase exclusivamente a ecoar conteúdos prévios. A atenção digital entrou em declínio acelerado, confirmando o esgotamento mediático e a brevidade da indignação pública.

Nos dias seguintes, a tendência manteve-se em declínio. Em 29/10 registaram-se 425 publicações (3,6%) e 3 265 interações. Em 30/10, o volume caiu para 256 publicações (2,1%) e 2 491 interações, mas destacou-se o aumento da agressividade: 46,5% das mensagens continham linguagem violenta, valor muito acima da média do período. Já em 31/10, a atividade reduziu-se a 109 publicações (0,9%) e 904 interações, mas com um dado singular: apenas 63,4% foram retweets, enquanto 36,6% resultaram de autoria própria — uma inversão do padrão de eco que caracterizou quase todo o ciclo.

No plano discursivo, entre 28 e 31 de outubro consolidou-se a fase de desgaste coletivo. O discurso securitário recuperou terreno (40%), não por novos argumentos, mas pela diluição das críticas, como exemplificado no comentário de Alberto Gonçalves sobre a saída do caso da agenda mediática. As contra-narrativas de caráter técnico-processual (25%) centraram-se na espera por análises forenses, num registo pouco mobilizador. Narrativas de luto e solidariedade (20%) confirmaram o declínio da carga emocional, enquanto as leituras antirracistas (10%) se dispersaram, já sem capacidade de estruturar o debate. O humor (5%) surgiu apenas como nota lateral.

Este ciclo de quatro dias mostra duas facetas simultâneas: por um lado, a fadiga da audiência abriu espaço ao ressurgimento relativo do discurso securitário; por outro, o dia 31 expôs um último sinal atípico de autoria, em que quase quatro em cada dez mensagens foram originais, sugerindo que, no fim do ciclo, apenas os utilizadores mais engajados se mantiveram ativos, produzindo interpretações próprias. Esse padrão de retração encerrou o ciclo de outubro e abriu caminho para que novembro fosse dominado por disputas de memória e balanços retrospetivos do caso.

## H. Exaustão discursiva — 1–3 de novembro

Nos primeiros dias de novembro, a atividade digital atingiu o nível mais baixo de todo o período. Em 1/11 registaram-se 36 publicações (0,3% do corpus) e 714 interações, valor mínimo de todo o ciclo. No dia 2/11 o volume subiu ligeiramente para 61 publicações (0,5%) e 1 030 interações, e a 3/11 para 65 publicações (0,5%) e 1 359 interações, totalizando apenas 162 publicações (1,4% do corpus). Entrou-se num regime de baixa intensidade, sem capacidade de mobilizar volumes significativos de participação.

As médias por tweet variaram entre 11 e 22 interações, muito inferiores às registadas no pico. A efemeridade da atenção digital ficou evidente: após o pico e a sucessão de eventos críticos, o tema estabilizou num patamar residual, em que apenas atualizações marginais garantiam visibilidade ínfima (Papacharissi, 2015, p. 36).

Um dado singular destes três dias foi a alteração no perfil da autoria. A 1/11, apenas 16,7% das publicações foram retweets, enquanto 55,6% foram de autoria própria — o maior rácio de produção original de todo o período. Apesar do baixo volume, este dado sugere que, quando a maioria da audiência já se afastara, permaneceram apenas utilizadores fortemente engajados, mais propensos a criar do que a replicar.

No plano discursivo, a narrativa securitária consolidou-se como dominante (50%), centrada na normalização da ordem pública, no policiamento sem incidentes e na recuperação do motorista como sinais de descompressão da crise. As contra-narrativas mantiveram-se em torno de 25%, focadas principalmente em aspetos técnico-processuais com reduzido poder de mobilização. Os registos de luto e de solidariedade (15%) funcionaram mais como memória residual do que como motor de engajamento. O discurso antirracista (10%) foi progressivamente marginalizado, perdendo centralidade na disputa interpretativa. O humor praticamente desapareceu (menos de 5%), limitado a registos isolados sem difusão.

Assim, a controvérsia entrou numa fase de exaustão discursiva: a presença digital sobreviveu apenas como vestígio no fluxo informativo, mantida por pequenos núcleos engajados, mas já sem capacidade de mobilizar a atenção coletiva. O caso ilustra que,

quando a novidade se esgota, a esfera pública digital tende a desviar-se, deixando o tema à deriva no esquecimento.

#### 4.9 Padrões verificados da estrutura da participação discursiva

Esta fase final ajuda a compreender, em retrospectiva, a estrutura global da participação discursiva.

Ao longo dos dias verifica-se uma forte assimetria entre criação e redistribuição: 85,3% (10 163) retweets e 14,7% (1 743) autoria própria — 9,9% (1 180) originais e 4,8% (563) respostas/quotes. Assim, por cada publicação de autoria própria houve cerca de 5,8 retweets; considerando apenas os tweets originais, a razão sobe para 8,6.

A participação foi altamente concentrada: 46 utilizadores (menos de 1%) geraram 11,5% das publicações (Tweet Binder, 2024, sec. *Contributor Rankings*). Estes dados mostram que o debate não se estruturou em produção autónoma, mas sobretudo na amplificação de mensagens já existentes, reforçando desigualdades na circulação. O Twitter/X funcionou, portanto, menos como espaço de deliberação e mais como mecanismo de propagação emocional: os poucos conteúdos criados foram replicados em larga escala, sem debate sustentado.

A dinâmica discursiva obedeceu a três lógicas centrais: (i) assimetria estrutural — poucos produzem, muitos amplificam; (ii) mediação jornalística determinante, com contas verificadas de media (*SIC Notícias*, Expresso, Público, RTP, CNN Portugal) a estruturarem a difusão (Tweet Binder, 2024, sec. *Highest Impact*); (iii) predomínio da redistribuição, confirmado pela desproporção entre originais e retweets.

Do ponto de vista teórico, esta dinâmica pode ser pensada a partir de Mbembe (2009), que descreve como a soberania se exerce pela produção de desproporções estruturais, aplicável aqui à lógica desigual de circulação digital. Nas plataformas, essa desigualdade manifesta-se sob a forma de dispositivos algorítmicos de propagação afetiva, onde a emoção circula mais depressa e mais intensamente do que a informação factual, e os fluxos digitais operam por intensidade, não por deliberação (Sunstein, 2017). Verificou-se um padrão de núcleo-periferia: media e figuras políticas concentraram a difusão; a maioria limitou-se à partilha (sinal de presença pelo eco).

## 5 Conclusão

A análise empírica confirma um conjunto consistente de pressupostos teóricos, consolidando a validade de várias hipóteses da literatura sobre comunicação em rede, tecnopolítica e esfera pública digital. O estudo das narrativas mediadas pela plataforma X em torno do caso de Odair Moniz demonstra que, embora a promessa normativa da racionalidade comunicativa não se concretize, diversos fundamentos críticos encontram sustentação empírica, sobretudo nas dimensões simbólica, afetiva e relacional da comunicação digital.

Os resultados evidenciam, antes de mais, que a comunicação se configura como um processo simbólico de disputa de sentidos (Habermas, 1987; Hall, 1980; Carey, 1989). As interpretações antagónicas — “vítima” versus “criminoso” — evidenciam a ausência de consenso e a prevalência de enquadramentos ideológicos divergentes. As interações observadas organizam-se em torno de circuitos de afinidade e reforço mútuo (Castells, 2015; Bruns & Burgess, 2011), revelando a formação de comunidades discursivas que reproduzem fronteiras de pertença e exclusão no debate público.

Evidencia-se também a centralidade do afeto na estruturação da esfera pública em rede. A polarização entre discursos de luto e discursos securitários confirma que a emoção orienta o envolvimento e substitui a argumentação racional por pertença moral (Papacharissi, 2015; Ahmed, 2014). Deste modo, o ambiente tecnomediado atua como espaço simultâneo de performatividade emocional (Butler, 2004; Ahmed, 2014) e de mediação algorítmica da visibilidade (Gillespie, 2018; Sunstein, 2017), em que a indignação e a solidariedade se tornam gestos comunicativos centrais. Os picos súbitos de atenção, seguidos de esquecimento, ilustram o caráter reativo e volátil da esfera pública em rede (Citton, 2017; Couldry, 2012).

Torna-se evidente a persistência do racismo discursivo e a reprodução de imaginários coloniais (Bonilla-Silva, 2010; hooks, 1992; Mbembe, 2016). As associações entre raça, criminalidade e segurança revelam a continuidade simbólica de estereótipos históricos que permeiam o discurso público português. A efemeridade da memória digital acentua essa desigualdade, transformando o esquecimento em mecanismo de poder: o

desaparecimento quase total das menções a Odair Moniz após 3 de novembro ilustra a fragilidade temporal do reconhecimento no espaço digital.

Por último, observa-se a manutenção das hierarquias mediáticas tradicionais (Gillespie, 2018; Marwick & Lewis, 2017). Os picos de atenção coincidem com conteúdos jornalísticos, revelando a dependência estrutural do espaço comunicacional online face aos meios de comunicação convencionais. A dissociação entre mobilização online e ação presencial — patente na diminuição da atividade digital durante a marcha de 26 de outubro (Tufekci, 2017; Chadwick, 2013) — confirma que o ambiente tecnomediado amplia a expressão, mas não garante continuidade organizativa.

A leitura integrada dos resultados evidencia que o corpus é marcado por polarização, centralização mediática e volatilidade emocional. O digital não dissolve as contradições da comunicação moderna — apenas as reinscreve em novas arquiteturas de visibilidade. A partir deste diagnóstico, esta dissertação demonstra a natureza ambivalente da tecnopolítica, simultaneamente emancipatória e desigualitária. Ao articular dimensões retóricas, afetivas e relacionais, propõe-se uma leitura integrada da esfera comunicacional contemporânea, revelando como a infraestrutura algorítmica e a produção simbólica se coproduzem na definição do poder comunicativo. A esfera digital configura-se, assim, menos como meio de expressão e mais como regime de mediação, no qual a visibilidade se converte em instrumento de poder e o esquecimento em mecanismo de controlo simbólico.

# Bibliografia

- Ahmed, S. (2014). *The cultural politics of emotion* (2nd ed.). Routledge.
- Araújo, M., & Maeso, S. R. (2021). Racismo e antirracismo em Portugal: O campo dos media digitais. In A. P. Martins & P. Moura (Eds.), *Racismo e antirracismo em Portugal* (pp. 157–176). Lisboa: Tinta-da-China.
- Barberá, P. (2015). Birds of the same feather tweet together: Bayesian ideal point estimation using Twitter data. *Political Analysis*, 23(1), 76–91. <https://doi.org/10.1093/pan/mpu011>
- Benjamin, R. (2019). *Race after technology: Abolitionist tools for the new Jim code*. Polity Press.
- Berger, J., & Milkman, K. L. (2012). What makes online content viral? *Journal of Marketing Research*, 49(2), 192–205. <https://doi.org/10.1509/jmr.10.0353>
- Boler, M., & Davis, E. (2018). The affective politics of the “post-truth” era: Feeling rules and networked subjectivity. *Emotion, Space and Society*, 27, 75–85. <https://doi.org/10.1016/j.emospa.2018.03.002>
- Bonilla, Y., & Rosa, J. (2015). #Ferguson: Digital protest, hashtag ethnography, and the racial politics of social media in the United States. *American Ethnologist*, 42(1), 4–17. <https://doi.org/10.1111/amet.12112>
- Bourdieu, P. (1991). *Language and symbolic power* (J. B. Thompson, Ed.; G. Raymond & M. Adamson, Trans.). Polity Press.
- Bourdieu, P. (1998). *Practical reason: On the theory of action* (R. Johnson, Trans.). Stanford, CA: Stanford University Press. (Original work published 1994)
- boyd, d. (2010). Social network sites as networked publics: Affordances, dynamics, and implications. In Z. Papacharissi (Ed.), *A networked self: Identity, community, and culture on social network sites* (pp. 39–58). Routledge.
- Brannon, W., & Roy, D. (2024). *The speed of news in Twitter (X) versus radio*. *Scientific Reports*, 14(11939). <https://doi.org/10.1038/s41598-024-61921-7>

Bruns, A., & Burgess, J. (2011, Aug.). The use of Twitter hashtags in the formation of ad hoc publics. Paper presented at ECPR General Conference, Reykjavik. [https://snurb.info/files/2011/The%20Use%20of%20Twitter%20Hashtags%20in%20the%20Formation%20of%20Ad%20Hoc%20Publics%20\(final\).pdf](https://snurb.info/files/2011/The%20Use%20of%20Twitter%20Hashtags%20in%20the%20Formation%20of%20Ad%20Hoc%20Publics%20(final).pdf)

Bruns, A., & Stieglitz, S. (2013). Towards more systematic Twitter analysis: Metrics for tweeting activities. *International Journal of Social Research Methodology*, 16(2), 91–108. <https://doi.org/10.1080/13645579.2012.756095>

Bucher, T. (2018). *If... Then: Algorithmic power and politics*. Oxford University Press.

Butler, J. (1993). *Bodies that matter: On the discursive limits of “sex”*. Routledge.

Butler, J. (2004). *Precarious life: The powers of mourning and violence*. Verso.

Carey, J. W. (1989). *Communication as culture: Essays on media and society*. Unwin Hyman.

Carney, N. (2016). All lives matter, but so does race: Black lives matter and the evolving role of social media. *Humanity & Society*, 40(2), 180–199. <https://doi.org/10.1177/0160597616643868>

Carty, V. (2015). *Social movements and new technology*. Westview Press.

Castells, M. (2015). *Networks of outrage and hope: Social movements in the Internet age* (2nd ed.). Cambridge, UK: Polity Press. (Obra original publicada em 2012)

Chadwick, A. (2013). *The hybrid media system: Politics and power* (p. 9). Oxford University Press.

Citton, Y. (2017). *The ecology of attention* (B. Wing, Trans.). Polity Press.

CNN Portugal. (2024, 5 dezembro). PSP transfere agentes envolvidos na morte de Odair Moniz. <https://cnnportugal.iol.pt/psp/odair-moniz/psp-transfere-agentes-envolvidos-na-morte-de-odair-moniz>

Collins, P. H. (1990). *Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. Routledge.

Conover, M. D., Ratkiewicz, J., Francisco, M., Gonçalves, B., Flammini, A., & Menczer, F. (2011). Political polarization on Twitter. In *Proceedings of the Fifth International AAAI Conference on Weblogs and Social Media* (pp. 89–96). AAAI Press.

Couldry, N. (2012). *Media, society, world: Social theory and digital media practice*. Polity Press.

Couldry, N., & Mejias, U. A. (2019). *The costs of connection: How data is colonizing human life and appropriating it for capitalism*. Stanford University Press.

Cunha, I. F. (2009). *Jornalismo e discriminação: Representações sociais nos media portugueses*. Campo das Letras.

Daniels, J. (2009). *Cyber racism: White supremacy online and the new attack on civil rights*. Rowman & Littlefield.

D'Ignazio, C., & Klein, L. F. (2020). *Data feminism*. MIT Press.

Dewey, J. (1954). *The public and its problems*. Chicago, IL: Swallow Press. (Original work published 1927)

Dubois, E., & Blank, G. (2018). The echo chamber is overstated: The moderating effect of political interest and diverse media. *Information, Communication & Society*, 21(5), 729–745. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2018.1428656>

Elmas, T., Özkalay, A. F., Overdorf, R., & Aberer, K. (2021). *Ephemeral astroturfing attacks: The case of fake Twitter trends*. In *2021 IEEE European Symposium on Security and Privacy (EuroS&P)* (pp. 403–420). IEEE. <https://doi.org/10.1109/EuroSP51992.2021.00035>

European Union Agency for Fundamental Rights. (2018). *Being Black in the EU: Second European Union Minorities and Discrimination Survey (EU-MIDIS II)*. Publications Office of the European Union. <https://doi.org/10.2811/791339>

Expresso. (2024, 22 outubro). Distúrbios no bairro do Zambujal: agentes da PSP agredidos e um morador ferido. <https://expresso.pt/sociedade/2024-10-22-disturbios-no-bairro-do-zambujal-agentes-da-PSP-agredidos-e-um-morador-ferido>

Expresso. (2024, 2 novembro). Saúde de Tiago tem “evolução positiva”, garante Marcelo sobre o motorista da Carris ferido em Loures. <https://expresso.pt/sociedade/2024-11-02-saude-de-tiago-tem-evolucao-positiva-garante-marcelo-sobre-o-motorista-da-carris-ferido-em-loures>

Ferrara, E., Varol, O., Davis, C., Menczer, F., & Flammini, A. (2016). The rise of social bots. *Communications of the ACM*, 59(7), 96–104. <https://doi.org/10.1145/2818717>

Freelon, D. (2020). *Fake news, propaganda, and plain old lies: How to find trustworthy information in the digital age*. Rowman & Littlefield.

Freelon, D., McIlwain, C. D., & Clark, M. D. (2018). Quantifying the power and consequences of social media protest. *New Media & Society*, 20(3), 990–1011. <https://doi.org/10.1177/1461444816676646>

Freire, P. (1971). *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.

Fuchs, C. (2021). *Social media: A critical introduction* (3rd ed.). Sage.

Gillespie, T. (2018). *Custodians of the Internet: Platforms, content moderation, and the hidden decisions that shape social media*. Yale University Press.

Gray, M. L., & Suri, S. (2019). *Ghost Work: How to Stop Silicon Valley from Building a New Global Underclass*. NYU Press.

Habermas, J. (1987). *The theory of communicative action: Vol. 1. Reason and the rationalization of society* (T. McCarthy, Trans.). Boston, MA: Beacon Press. (Original work published 1981)

Hall, S. (1980). Encoding/decoding. In S. Hall, D. Hobson, A. Lowe, & P. Willis (Eds.), *Culture, media, language: Working papers in cultural studies, 1972–79* (pp. 128–138). Hutchinson.

Hickey, D., Schmitz, M., Fessler, D., Smaldino, P. E., Muric, G., & Burghardt, K. (2024). *Auditing Elon Musk's impact on hate speech and bots*. arXiv preprint arXiv:2304.04129. <https://arxiv.org/abs/2304.04129>

Hogan, B. (2010). The presentation of self in the age of social media: Distinguishing performances and exhibitions online. *Bulletin of Science, Technology & Society*, 30(6), 377–386. <https://doi.org/10.1177/0270467610385893>

hooks, b. (1992). *Black looks: Race and representation*. South End Press.

Jungherr, A. (2015). *Analyzing political communication with digital trace data: The role of Twitter messages in social science research*. Cham: Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-20319-5>

Lane, J. (2016). *The digital street*. Oxford University Press.

Marres, N. (2017). *Digital sociology: The reinvention of social research*. Cambridge, UK: Polity Press.

Marwick, A., & Lewis, R. (2017). *Media manipulation and disinformation online*. Data & Society Research Institute.  
[https://datasociety.net/pubs/oh/DataAndSociety\\_MediaManipulationAndDisinformation\\_Online.pdf](https://datasociety.net/pubs/oh/DataAndSociety_MediaManipulationAndDisinformation_Online.pdf)

Mbembe, A. (2014). *Crítica da razão negra* (M. L. M. de Souza, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 2013)

Mbembe, A. (2019). *Necropolitics* (S. Corcoran, Trans.). Duke University Press. (Original work published 2016)

McLuhan, M. (1964). *Understanding media: The extensions of man*. McGraw-Hill.

Nakamura, L., & Chow-White, P. (Eds.). (2012). *Race after the Internet*. Routledge.

Noble, S. U. (2018). *Algorithms of oppression: How search engines reinforce racism*.

Observador. (2024, 25 outubro). Cova da Moura. Agente da PSP que matou Odair Moniz terá sido constituído arguido por homicídio simples.  
<https://observador.pt/2024/10/25/cova-da-moura-agente-da-psp-que-matou-odair-moniz-tera-sido-constituido-arguido-por-homicidio-simples>

Özturan, B., Quintana-Mathé, A., Grinberg, N., Ognyanova, K., & Lazer, D. (2025). *Declining information quality under new platform governance*. *Harvard Kennedy School Misinformation Review*, 6(3). <https://doi.org/10.37016/mr-2020-176>

Papacharissi, Z. (2015). *Affective publics: Sentiment, technology, and politics*. Oxford University Press.

Pew Research Center. (2019). *Sizing up Twitter users*.  
<https://www.pewresearch.org/internet/2019/04/24/sizing-up-twitter-users/>

Pew Research Center. (2021). *Social media use in 2021*.  
<https://www.pewresearch.org/internet/2021/04/07/social-media-use-in-2021/>

Pew Research Center. (2023, May 17). *How U.S. adults on Twitter use the site in the Elon Musk era*. Pew Research Center. <https://www.pewresearch.org/short-reads/2023/05/17/how-us-adults-on-twitter-use-the-site-in-the-elon-musk-era/>

Poell, T., Nieborg, D. B., & Duffy, B. E. (2022). *Platforms and cultural production*. Polity Press.

QSR International. (2024). *NVivo (Version 14)* [Computer software]. QSR International. <https://www.qsrinternational.com/nvivo-qualitative-data-analysis-software/home>

Rao, A., Morstatter, F., & Lerman, K. (2022). *Partisan asymmetries in exposure to misinformation*. *Scientific Reports*, 12, 15671. <https://doi.org/10.1038/s41598-022-19837-7>

Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho de 27 de abril de 2016 relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados). *Jornal Oficial da União Europeia*, L 119, 1–88. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=CELEX%3A32016R0679>

Rheingold, H. (2002). *Smart mobs: The next social revolution*. Perseus Books.

Ribeiro, M. H., Blackburn, J., & Almeida, V. A. F. (2021). The evolution of toxic behavior on Twitter. *EPJ Data Science*, 10(1), 74. <https://doi.org/10.1140/epjds/s13688-021-00260-3>

Roberts, S. T. (2019). *Behind the screen: Content moderation in the shadows of social media*. Yale University Press.

RTP Notícias. (2024, 24 outubro). Motorista de autocarro incendiado em Santo António dos Cavaleiros está nos cuidados intensivos. [https://www.rtp.pt/noticias/pais/motorista-de-autocarro-incendiado-em-santo-antonio-dos-cavaleiros-esta-nos-cuidados-intensivos\\_n1477335](https://www.rtp.pt/noticias/pais/motorista-de-autocarro-incendiado-em-santo-antonio-dos-cavaleiros-esta-nos-cuidados-intensivos_n1477335)

Sapo 24 Notícias. (2024, 26 outubro). Milhares de pessoas juntam-se na Avenida da Liberdade a exigir justiça para Odair. <https://24.sapo.pt/actualidade/artigos/milhares-de-pessoas-juntam-se-na-avenida-da-liberdade-a-exigir-justica-para-odair>

SIC Notícias. (2024, 21 outubro). Homem morre baleado pela PSP na Cova da Moura. <https://sicnoticias.pt/pais/2024-10-21-homem-morre-baleado-pela-psp-na-cova-da-moura-0dc86a18>

SIC Notícias. (2025, 2 janeiro). Morte de Odair Moniz: Direção Nacional da PJ desmente que investigação esteja concluída. <https://sicnoticias.pt/pais/2025-01-02-morte-de-odair-moniz-direcao-nacional-da-pj-desmente-que-investigacao-esteja-concluida>

SIC Notícias. (2025, 29 janeiro). Ministério Público acusa de homicídio PSP envolvido na morte de Odair Moniz. <https://sicnoticias.pt/pais/2025-01-29-ministerio-publico-acusa-de-homicidio-psp-envolvido-na-morte-de-odair-moniz>

Simon, H. A. (1971). Designing organizations for an information-rich world. In M. Greenberger (Ed.), *Computers, communication, and the public interest* (pp. 37–72). Johns Hopkins University Press.

Sunstein, C. R. (2001). *Republic.com*. Princeton University Press.

Sunstein, C. R. (2017). *#Republic: Divided democracy in the age of social media*. Princeton University Press.

Tufekci, Z. (2017). *Twitter and tear gas: The power and fragility of networked protest*. Yale University Press.

Tweet Binder. (n.d.). *Tweet Binder: Twitter analytics and hashtag tracking tool*. Retrieved October 22, 2025, from <https://www.tweetbinder.com>

Visão. (2024, 23 outubro). A prova do vídeo: Odair Moniz ficou no chão sem manobras de salvamento durante vários minutos. <https://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/2024-10-23-a-prova-do-video-odair-moniz-ficou-no-chao-sem-manobras-de-salvamento-durante-varios-minutos>

Wahl-Jorgensen, K. (2019). *Emotions, media and politics*. Polity Press.

Williams, R. (1977). *Marxism and literature*. Oxford University Press.

Wu, T. (2016). *The attention merchants: The epic scramble to get inside our heads*. Knopf.

Yang, G. (2016). Narrative agency in hashtag activism: The case of #BlackLivesMatter. *Media and Communication*, 4(4), 13–17. <https://doi.org/10.17645/mac.v4i4.692>

Zulli, D., & Zulli, D. J. (2022). *Extending the Internet meme: Conceptualizing technological mimesis and imitation publics on the TikTok platform*. *New Media & Society*, 24(8), 1872–1890. <https://doi.org/10.1177/1461444820983603>



## Anexos

### Cronologia dos Incidentes e Desdobramentos (Caso Odair Moniz)

A cronologia sistematiza os principais acontecimentos factuais relacionados com a morte de Odair Moniz, com base em fontes jornalísticas de referência e comunicados oficiais. Incluem-se apenas eventos diretamente ligados ao caso e de relevância pública e política, excluindo ocorrências marginais ou especulativas.

#### (A) Durante o período da análise

| Data          | Evento   | Fonte   |
|---------------|--|---|
| 21/10/2024    | Narrativa inicial: PSP reporta perseguição na Cova da Moura, suspeita de roubo de carro e uso de arma branca; disparos fatais contra Odair Moniz confirmados no Hospital S. F. Xavie | SIC Notícias. (2024, 21 outubro). <i>Homem morre baleado pela PSP na Cova da Moura.</i> <a href="https://sicnoticias.pt/pais/2024-10-21-homem-morre-baleado-pela-psp-na-cova-da-moura-0dc86a18">https://sicnoticias.pt/pais/2024-10-21-homem-morre-baleado-pela-psp-na-cova-da-moura-0dc86a18</a> |
| 21–22/10/2024 | Distúrbios no Zambujal: contentores incendiados; reforço policial com unidades especiais.  | Expresso. (2024, 22 outubro). <i>Distúrbios no bairro do Zambujal: agentes da PSP agredidos e um morador ferido.</i> <a href="#">Distúrbios no bairro do Zambujal: agentes da PSP agredidos e um morador ferido - Expresso</a>  |
| 23/10/2024    | Divulgação de imagens de videovigilância mostrando Odair sem arma no momento da abordagem.   | Visão. (2024, 23 outubro). <i>A prova do vídeo: Odair Moniz ficou no chão sem manobras de salvamento durante vários minutos.</i> <a href="#">Visão   A prova do vídeo: Odair Moniz ficou no chão sem manobras de salvamento durante vários minutos</a>  |
| 24/10/2024    | Autocarro incendiado em Loures; motorista gravemente ferido.   | RTP Notícias. (2024, 24 outubro). <i>Motorista de autocarro incendiado em Santo António dos Cavaleiros está nos cuidados intensivos.</i> <a href="#">Motorista de autocarro incendiado em Santo António dos Cavaleiros está nos cuidados intensivos</a>   |

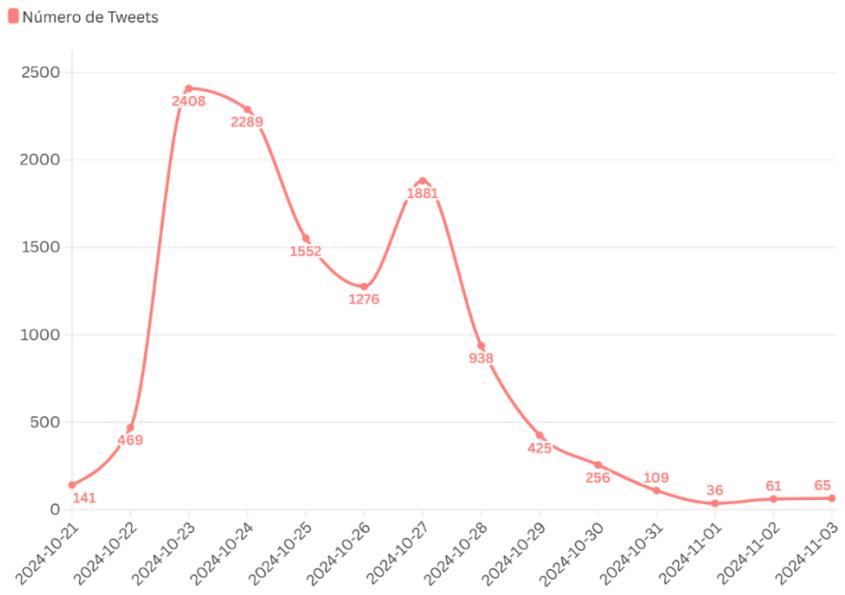
|            |  |  |
|------------|--|--|
| 25/10/2024 | Agente da PSP que disparou constituído arguido por homicídio simples.          | Observador. (2024, 25 outubro). <i>Cova da Moura. Agente da PSP que matou Odair Moniz terá sido constituído arguido por homicídio simples. <a href="#">Policia constituído arguido por homicídio simples – Observador</a></i>  |
| 26/10/2024 | Marcha “Justiça para Odair” em Lisboa reúne milhares de manifestantes.         | Sapo 24 Notícias. (2024, 26 outubro). <i>Milhares de pessoas juntam-se na Avenida da Liberdade a exigir justiça para Odair. <a href="#">Milhares de pessoas juntam-se na Avenida da Liberdade a exigir justiça para Odair - Atualidade - 24 Notícias</a></i>               |
| 02/11/2024 | Presidente da República informa evolução clínica positiva do motorista ferido. | Expresso. (2024, 2 novembro). <i>Saúde de Tiago tem “evolução positiva”, garante Marcelo sobre o motorista da Carris ferido em Loures. <a href="#">Saúde de Tiago tem “evolução positiva”, garante Marcelo sobre o motorista da Carris ferido em Loures - Expresso</a></i> |
| 03/11/2024 | Declínio dos confrontos  | Sem novas informações relevantes   |

*(B) Desdobramentos posteriores*

| Data       | Evento  | Fonte (exemplo em APA)  |
|------------|---|---|
| 05/12/2024 | PSP transfere agentes envolvidos no caso Odair Moniz.                 | CNN Portugal. (2024, 5 dezembro). <i>PSP transfere agentes envolvidos na morte de Odair Moniz. <a href="#">PSP transfere agentes envolvidos na morte de Odair Moniz - CNN Portugal</a></i>  |
| 02/01/2025 | Polícia Judiciária conclui inquérito sobre a morte de Odair Moniz.    | SIC Notícias. (2025, 2 janeiro). <i>Morte de Odair Moniz: Direção Nacional da PJ desmente que investigação esteja concluída. <a href="#">Morte de Odair Moniz: Direção Nacional da PJ desmente que investigação esteja concluída - SIC Notícias</a></i> |
| 29/01/2025 | Ministério Público acusa agente por homicídio e pede expulsão da PSP. | SIC Notícias. (2025, 29 janeiro). <i>Ministério Público acusa de homicídio PSP envolvido na morte de Odair Moniz. <a href="#">Ministério Público acusa de homicídio PSP envolvido na morte de Odair Moniz - SIC Notícias</a></i>                        |

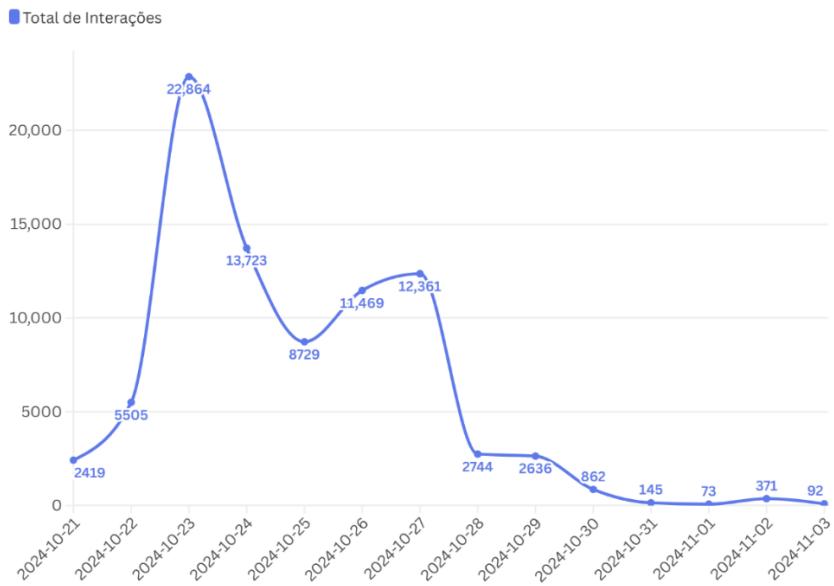
|            |   |  |
|------------|---|--|
| 17/06/2025 | Tribunal marca julgamento do agente acusado para outubro de 2025. | Ionline Sapo. (2025, 17 junho). <i>Agente da PSP que baleou Odair Moniz começa a ser julgado a 15 de outubro. <u>Agente da PSP que baleou Odair Moniz começa a ser julgado a 15 de outubro</u></i> |
|------------|---|--|

## Tabelas de Métricas



**Figura B1 – Volume diário de publicações no Twitter/X sobre o caso Odair Moniz (21/10–03/11/2024).**

Fonte: dados recolhidos via Tweet Binder (2024); gráfico elaborado pelo autor no Flourish.



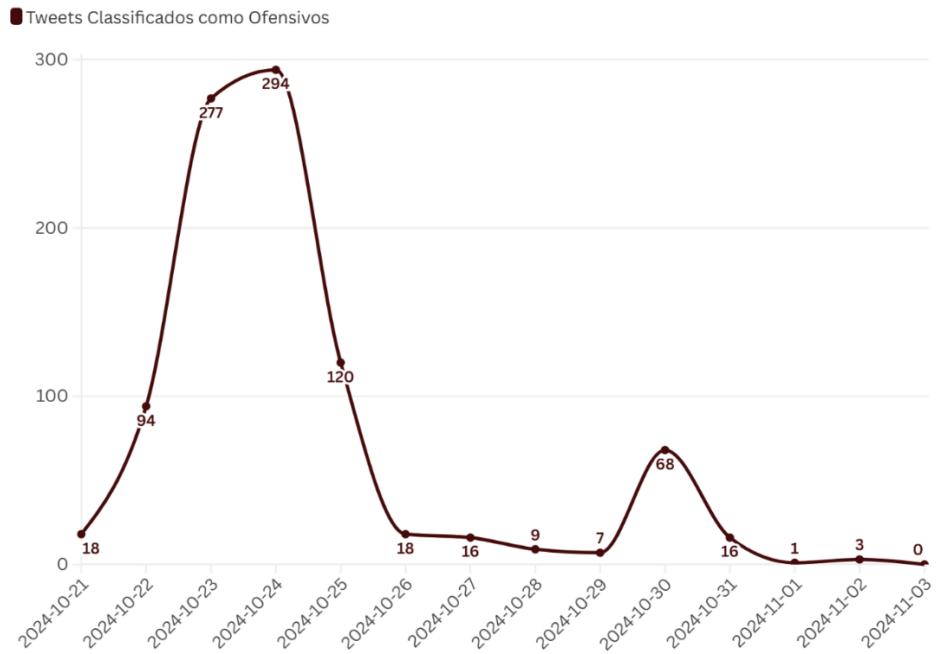
**Figura B2 – Número diário de interações (likes, respostas, retweets e citações) no Twitter/X sobre o caso Odair Moniz (21/10–03/11/2024).**

Fonte: dados recolhidos via Tweet Binder (2024); gráfico elaborado pelo autor no Flourish.



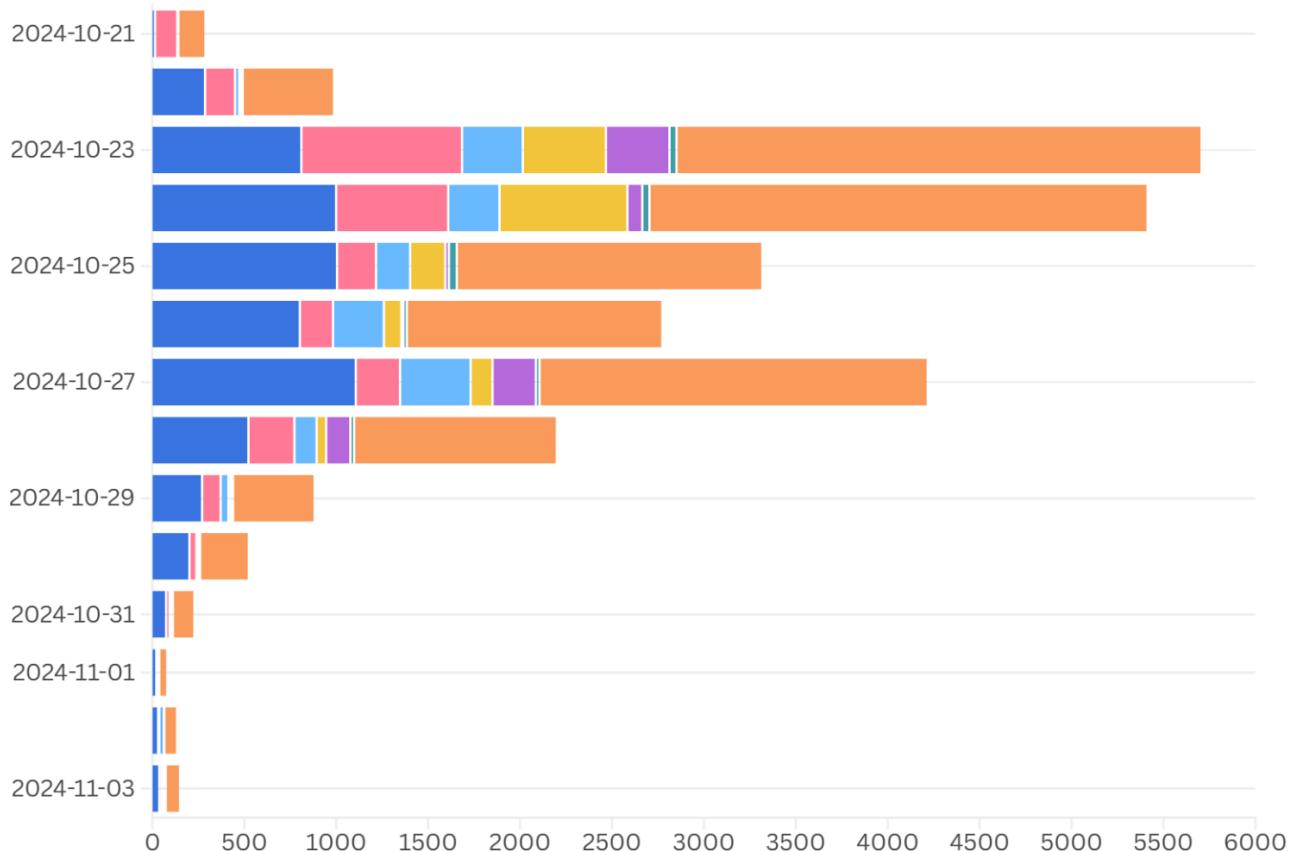
**Figura B3 – Impressões diárias estimadas das publicações no Twitter/X sobre o caso Odair Moniz (21/10–03/11/2024).**

Fonte: dados recolhidos via Tweet Binder (2024); gráfico elaborado pelo autor no Flourish.



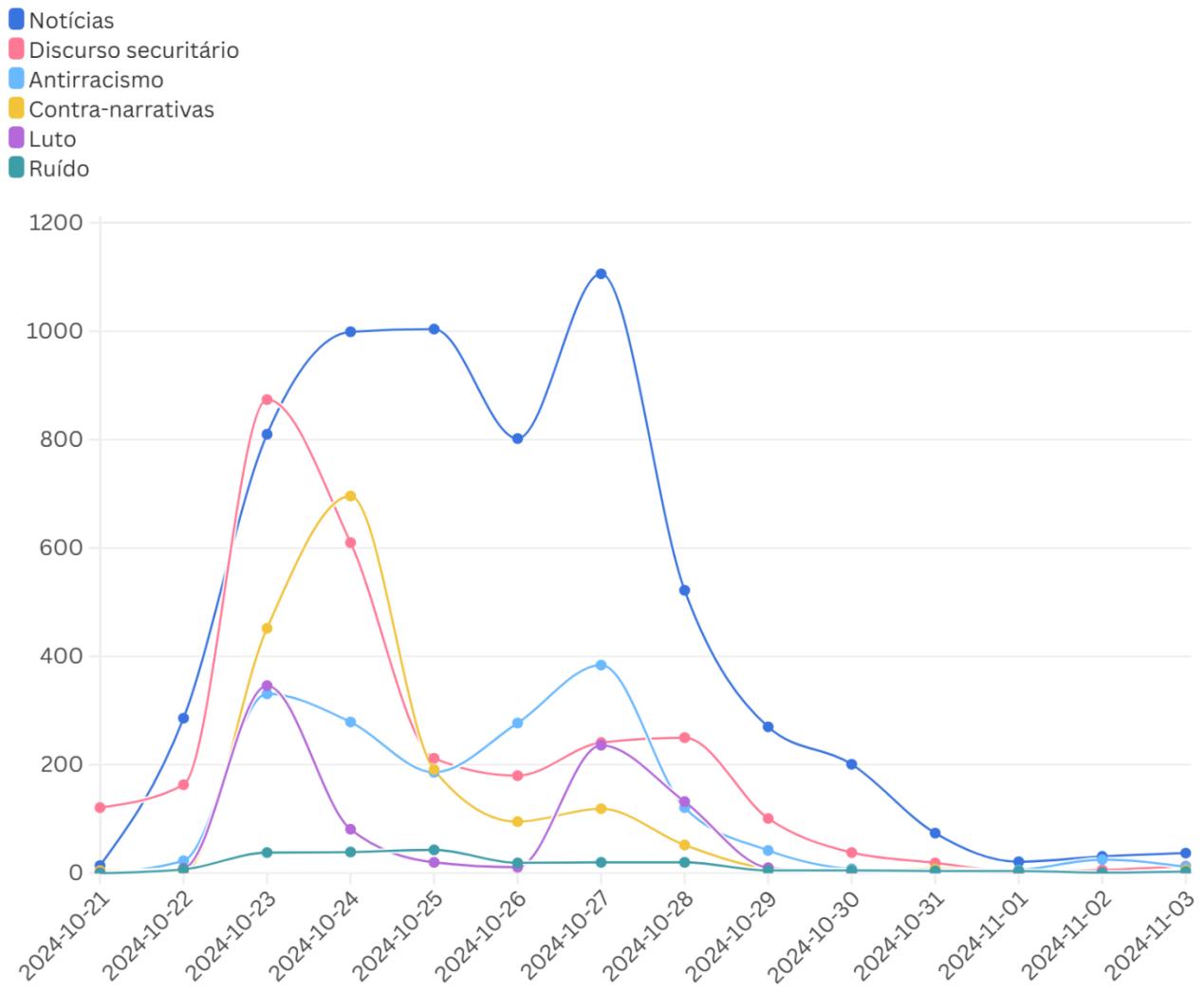
**Figura B4 – Percentagem de publicações com linguagem potencialmente violenta no Twitter/X sobre o caso Odair Moniz (21/10–03/11/2024).**

Fonte: dados recolhidos via Tweet Binder (2024); gráfico elaborado pelo autor no Flourish.



**Figura B5 – Distribuição diária das publicações por eixo discursivo (Notícias, Securitário, Antirracista, Contra-narrativas, Luto e Indefinidos) no caso Odair Moniz (21/10–03/11/2024).**

Fonte: dados recolhidos via *Tweet Binder* (2024); gráfico elaborado pelo autor no *Flourish*.



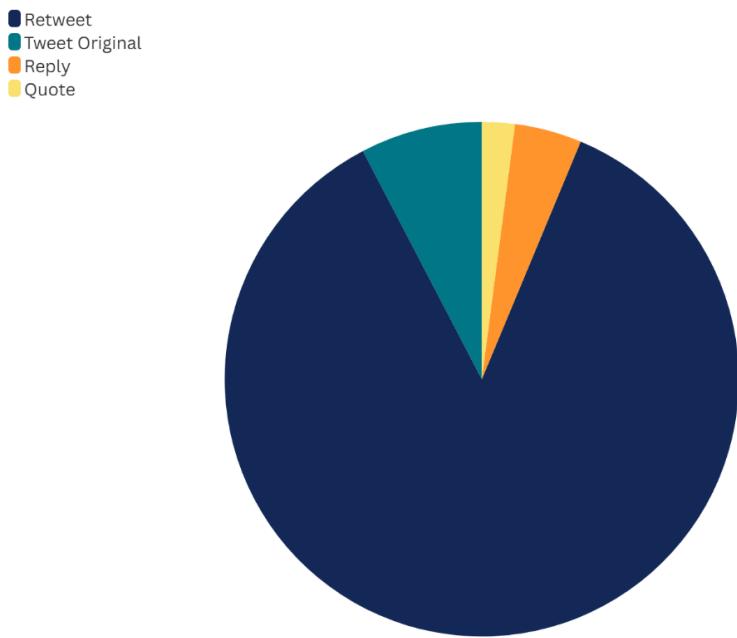
**Figura B6 – Evolução temporal comparada dos principais eixos discursivos no Twitter/X sobre o caso Odair Moniz (21/10–03/11/2024).**

Fonte: dados recolhidos via *Tweet Binder* (2024); gráfico elaborado pelo autor no *Flourish*.



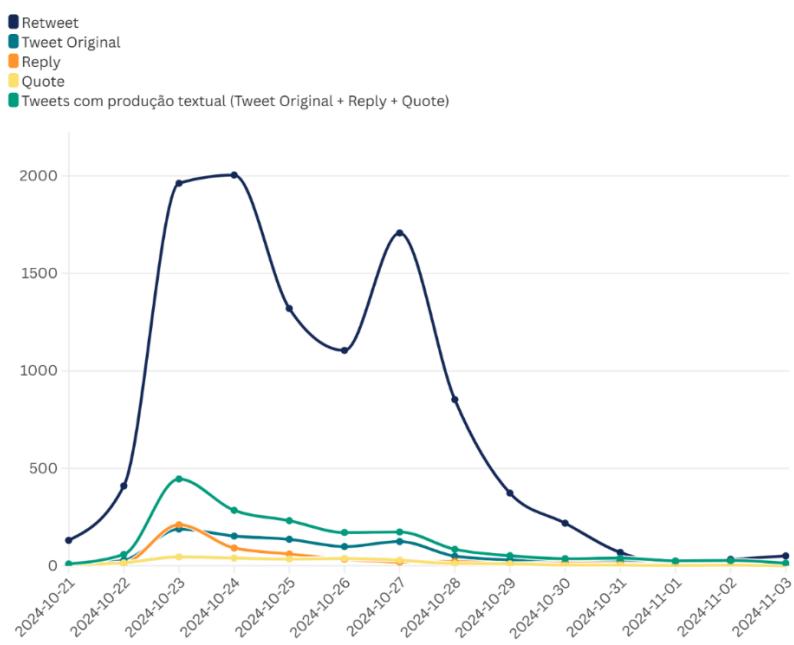
**Figura B7 – Distribuição agregada das publicações por eixo discursivo no Twitter/X sobre o caso Odair Moniz (21/10–03/11/2024).**

Fonte: dados recolhidos via *Tweet Binder* (2024); gráfico elaborado pelo autor no *Flourish*.



**Figura B8 – Estrutura da participação: proporção de retweets, tweets originais, respostas e citações no corpus do caso Odair Moniz (21/10–03/11/2024).**

Fonte: dados recolhidos via *Tweet Binder* (2024); gráfico elaborado pelo autor no *Flourish*.



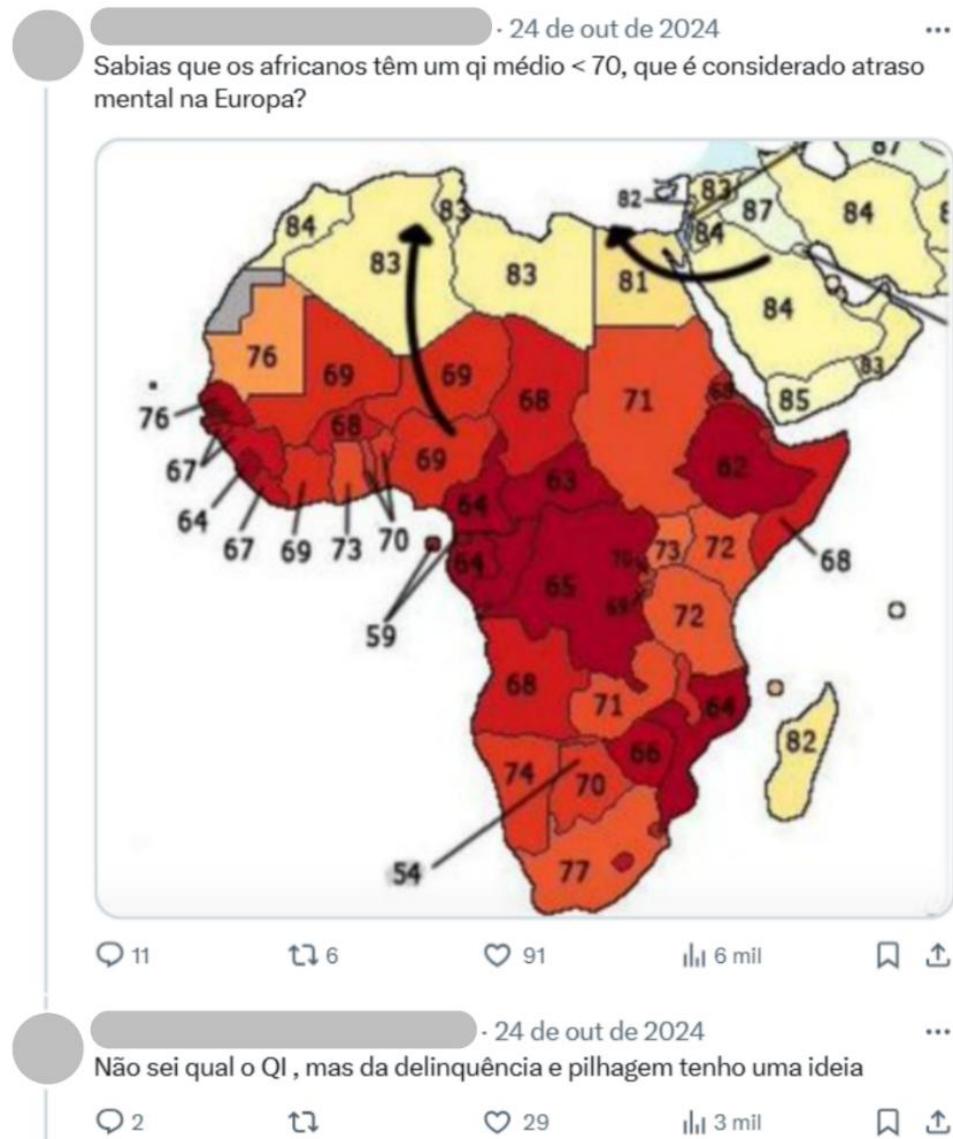
**Figura B9 – Concentração da participação por utilizadores: percentagem de publicações geradas pelos principais emissores no corpus do caso Odair Moniz (21/10–03/11/2024).**

Fonte: dados recolhidos via *Tweet Binder* (2024); gráfico elaborado pelo autor no *Flourish*.

## Publicações

Os prints de tweets reunidos são complementares às citações presentes no corpo do texto. As figuras do anexo apresentam exemplos adicionais, não constituindo um conjunto exaustivo.

### (i) Tweets complementares de Eixos Discursivos (6.5)



**Figura C1 — Tweet de 24/10/2024 que mobiliza racismo pseudocientífico através de alegações sobre QI médio de africanos e mapa ilustrativo. Exemplo de discurso securitário/racializante.**

· 24 de out de 2024

...

Vou ali outra vez cortar os pulsos

O Odair Moniz era um homem exemplar

Só tinha cadastro por tráfico, assaltos violentos, inclusive a um taxista que depois teve prisão decretada

Os anéis são horrorosos, um boné branco e uma gravata vermelha  
Bem vindos a África



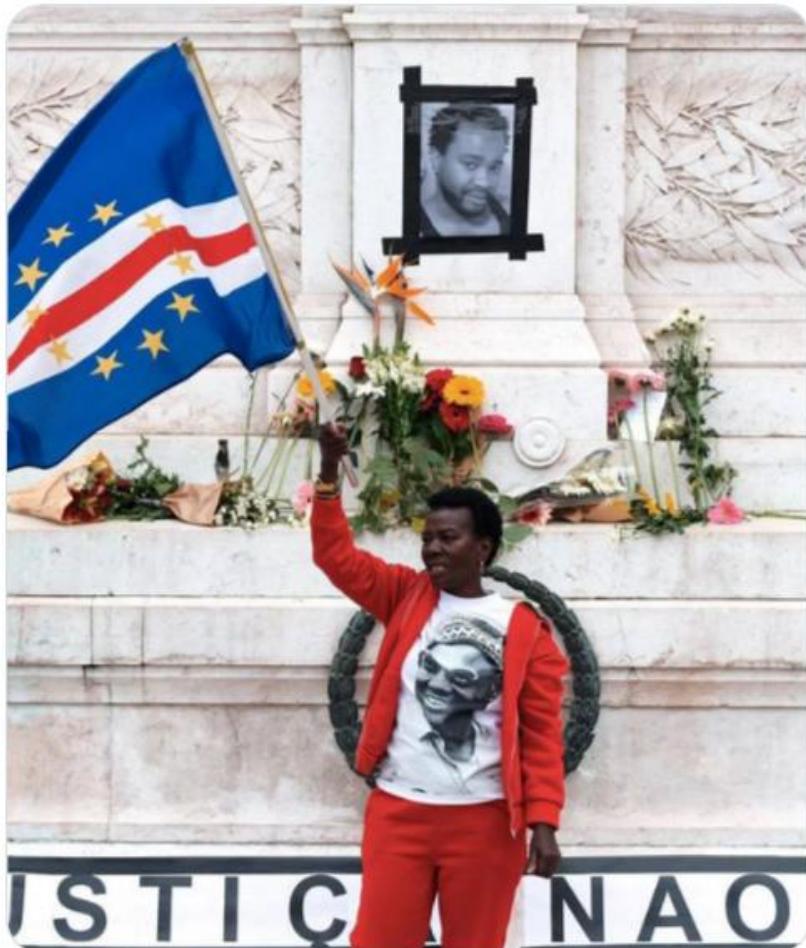
**Figura C2 —** Tweet de 24/10/2024 que associa Odair Moniz a registos criminais e estigmatização racial, concluindo com a expressão “Bem-vindos a África”. Exemplo de discurso securitário.



K.Diallo ✅ @nyeus\_i\_waasi · 27 de out de 2024

...

Police brutality is just ONE factor of systemic racism in Europe.... Justice for odair moniz 🌱✊🏿🇪🇺



**Figura C3 —** Publicação de K. Diallo (27/10/2024), destacando a vigília com bandeira de Cabo Verde e enquadrando o caso como expressão de racismo sistémico na Europa. Exemplo de antirracismo transnacional.

(ii) Materiais: Produção de conteúdo durante o período analisado (6.6)



Figura C4 — Publicação irónica (25/10/2024) que desvaloriza a manifestação “Justiça para Odair” através da associação a bandeiras da Palestina e outros slogans. Exemplo de comentário securitário depreciativo.



...

Estava muita, muita gente. Por Odair Moniz, contra o racismo, contra o brutalidade policial, pela justiça. Não sei que imagens vai mostrar a TV. Vi gente emocionada, corajosa, famílias, pessoas de todas as origens. Tantos unidos espero que sejam ouvidos.



• 26 de out de 2024 • 9.936 Visualizações

26

50

335

3



**Figura C5 — Testemunho presencial (26/10/2024) que descreve a marcha “Justiça para Odair” como momento de união multiracial e familiar. Exemplo de antirracismo e luto solidário.**



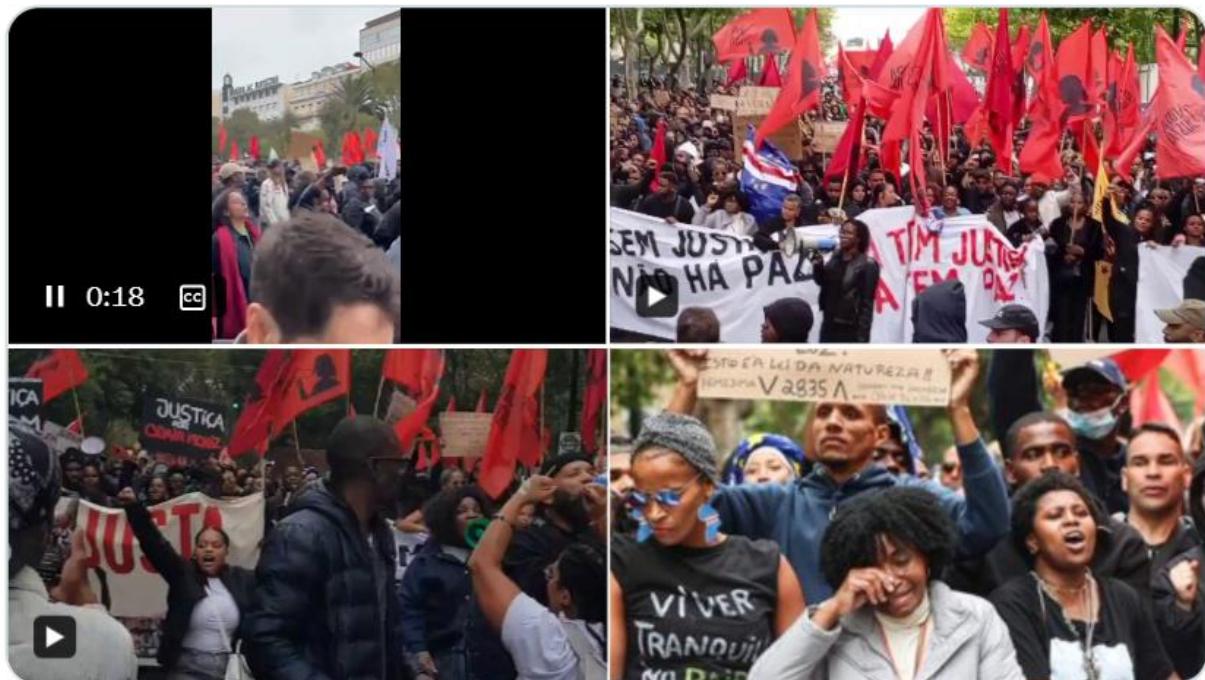
African News feed.

@africansinnews

...

Thousands of Cape Verdeans have gathered in Lisbon, Portugal, demanding justice for Odair Moniz, who was unjustly shot by the police.

[Traduzir post](#)



10:43 AM · 27 de out de 2024 · 79,4 mil Visualizações

8

449

986

76



**Figura C6 — Publicação do African News Feed (27/10/2024) que internacionaliza a marcha em Lisboa, projetando o caso Odair Moniz para a esfera transnacional. Exemplo de circulação transnacional.**



...

A morte do Odair Moniz foi a nova desculpa da esquerda para fumar umas ganzas e snifar umas gramas de droga...



De DrG ✅

• 27 de out de 2024 • 2.695 Visualizações

2

3

22

3

↑

**Figura C7 — Publicação irónica (27/10/2024) que associa o caso Odair Moniz a estereótipos de consumo de drogas por militantes de esquerda. Exemplo de humor/escárnio securitário.**



...

O altar dos etnomasquistas tem um santinho novo!  
Santo Odair, rogai por nós que recorremos a vós.



· 27 de out de 2024 · 10,3 mil Visualizações

12

39

321

29



Figura C8 — Meme “Negrolatria” (27/10/2024), que satiriza Odair Moniz e figuras negras em chave de racismo visual. Exemplo de securitário/humor racista.

(iii) Desdobramentos posteriores (6.2)



esquerda.net  
@EsquerdaNet

...

A Polícia Judiciária suspeita que uma faca tenha sido retirada da bolsa de Odair Moniz e colocada no chão após ter sido baleado pelo agente. E já concluiu que o auto de notícia não foi escrito pelo agente, ao contrário do que afirmou o comunicado da PSP.

[esquerda.net/artigo/psp-sob...](http://esquerda.net/artigo/psp-sob...)



11:08 AM · 12 de dez de 2024 · 594 Visualizações

Figura C9 — Publicação do Esquerda.net (12/12/2024) noticiando suspeitas da PJ de manipulação de provas pela PSP, incluindo a colocação de uma faca junto ao corpo de Odair Moniz.



SIC Notícias @SICNoticias

...

A Polícia Judiciária está a analisar seis vídeos que mostram um agente da PSP a colocar um objeto idêntico a uma faca junto ao corpo de Odair Moniz. O semanário Expresso teve acesso às imagens captadas por um morador da Cova da Moura, no dia em que Odair foi baleado.

Saiba mais aqui: [bit.ly/3Ht7Pgc](https://bit.ly/3Ht7Pgc)



8:16 AM · 6 de jun de 2025 · 173,8 mil Visualizações

217

219

1 mil

94



**Figura C10 — Publicação da SIC Notícias (06/06/2025) reportando vídeos em que um agente da PSP surge a colocar objeto semelhante a uma faca junto ao corpo de Odair Moniz.**